

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

THIAGO TEIXEIRA DE MORAES CAMPONEZ

**CORPO E SEXUALIDADE: SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO
PROTESTANTISMO BRASILEIRO.**

São Paulo

2018

THIAGO TEIXEIRA DE MORAES CAMPONEZ

**CORPO E SEXUALIDADE: SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO
PROTESTANTISMO BRASILEIRO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para obtenção do grau de mestre.

Área de Concentração: Protestantismo, Sexualidade e Corpo Humano.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes.

São Paulo

2018

THIAGO TEIXEIRA DE MORÃES CAMPONEZ

CORPO E SEXUALIDADE: SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO
PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião.

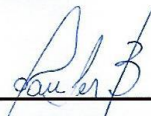
Aprovada em 10 de Agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Bitun

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Mario Sergio Batista

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profª. Drª. Patricia Pazinato

Faculdade Teológica Batista

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça e misericórdia dispensadas diariamente em minha vida.

À minha amada esposa Roberta Gobbo Amorim Camponez por todo amor e incentivo ao estudo que me proporciona.

Ao meu filho André Amorim Camponez por alegrar e motivar ainda mais a minha existência.

À minha família, por todo apoio e investimento em meus estudos desde a infância.

À Igreja Presbiteriana Bethel pelo apoio aos meus estudos.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e todos os professores que me capacitaram a chegar até aqui.

Ao querido Dr. Antonio Máspoli por dividir parte do seu vasto conhecimento e investir seu tempo para me orientar.

Aos colegas de turma pela amizade e bons momentos.

Ao amigo Kaio da Hora que me ajudou em um momento decisivo na minha conclusão deste trabalho.

CAMPONEZ, Thiago Teixeira de Moraes. *Corpo e Sexualidade: Suas representações sociais no protestantismo brasileiro*. Dissertação. Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa busca explicitar as representações sociais do corpo e da sexualidade veiculadas ao protestantismo brasileiro através da literatura publicada sobre este tema ao longo de períodos históricos específicos. Inicialmente foram traçados três objetivos: a) Investigar as representações sociais do corpo e da sexualidade nos clássicos do cristianismo protestante do apóstolo Paulo, Santo Agostinho, Martinho Lutero e Calvino; b) Explicitar a sexualidade e o erotismo presentes nos Escritos Bíblicos; e c) Analisar as representações do corpo e da sexualidade na pedagogia sexual no Protestantismo Brasileiro. Com a análise de corporeidade e sexualidade no cristianismo e no protestantismo brasileiro temos um entendimento mais amplo a respeito dessa temática tão obscura ao longo dos séculos e assim pode-se trazer luz a um entendimento mais específico e libertador.

Palavras-chave: Corpo. Sexualidade. Protestantismo.

CAMPONEZ, Thiago Teixeira de Moraes. *Corpo e Sexualidade: Suas representações sociais no protestantismo brasileiro*. Dissertação. Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

ABSTRACT

This research aims to explain the social representations of the body and sexuality transmitted to Brazilian Protestantism through the literature published on this theme throughout specific historical periods. Initially, three objectives were outlined: a) To investigate the social representations of body and sexuality in the classics of Protestant Christianity of the apostle Paul, St. Augustine, Martin Luther and Calvin; b) Explain the sexuality and eroticism present in the Biblical Writings; and c) Analyze the representations of the body and sexuality in sexual pedagogy in Brazilian Protestantism. With the analysis of corporeality and sexuality in Christianity and in Brazilian Protestantism we have a broader understanding of this obscure theme over the centuries and thus we can bring light to a more specific and liberating understanding.

Keywords: Body. Sexuality. Protestantism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O CORPO E A SEXUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO E PROTESTANTISMO.....	09
2.1 APÓSTOLO PAULO.....	10
2.2 SANTO AGOSTINHO.....	20
2.3 MARTINHO LUTERO E JOÃO CALVINO.....	23
3 A SEXUALIDADE E O EROTISMO NOS ESCRITOS BÍBLICOS.....	30
3.1 O MODELO PROCRIATIVO PATRIARCAL.....	30
3.2 O MODELO POLIGÂMICO MONÁRQUICO.....	34
3.3 O MODELO MORALISTA.....	34
3.4 O MODELO ERÓTICO-AFETIVO.....	36
3.5 O EROTISMO METAFÓRICO NO NOVO TESTAMENTO.....	44
4 AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO E DA SEXUALIDADE NA PEDAGOGIA SEXUAL DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO.....	47
4.1 SEXUALIDADE EVANGÉLICA E SUA MORAL.....	48
4.2 A INFLUÊNCIA DA REFORMA DE MARTINHO LUTERO NO MATRIMÔNIO.....	54
4.3 O SEXO COMO VIRTUDE.....	58
4.4 SEXUALIDADE E SALVAÇÃO.....	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, há pouco interesse dos pesquisadores sobre o tema corpo e sexualidade no protestantismo, e aqueles que pesquisam tal assunto, normalmente, são ligados às denominações protestantes, e, por este motivo, dedicam suas pesquisas mais aos verbetes da enciclopédia do que à formulação de uma Teologia do corpo (GOMES, 2017, p. 5).

O corpo é entendido não como algo pronto e acabado, como objeto imutável, mas sim como um fenômeno que está sempre em transformação, assim como nossa sociedade. Dessa forma a construção corporal é obtida na história e se torna fruto de diversas influências.

A história marca o corpo e isso pode ser observado, pois este absorve valores, sentimentos e crenças que estão presentes na sociedade, dando significados distintos ao corpo e às suas expressões sexuais. Logo, a relação com o corpo e a sexualidade no cristianismo, também, herdou significados através da história. Entretanto, essa visão adquiriu características bastante diferenciadas, pois sabemos que essas concepções são fruto de diversas epistemologias.

Acredita-se que pela quantidade de variáveis que o significado do corpo encontra na história, e até mesmo dentro do cristianismo, e pelo imenso receio em se tratar a sexualidade, há pouco interesse em se estudar o tema, e, conseqüentemente escassez de significados embasados em pesquisas bem elaboradas para o bom entendimento a partir de uma visão cristã coerente, que analise o corpo e a sexualidade a partir de um referencial teórico consistente, não apenas em preceitos morais vigentes na sociedade.

É de suma importância analisar historicamente a representação social do corpo e da sexualidade no protestantismo para compreender a visão atual que se tem destes em nossa sociedade, mais especificamente dentro do cristianismo.

Pode-se observar em uma afirmação de Viegas (2008, p. 14), na qual a herança do protestantismo, no que diz respeito à concepção de corpo, se mostra evidente: “[...] pela repressão do cristianismo, vendo-o como erótico ou vulgar, e lugar de pecado [...]”. Para a visão cristã durante muito tempo a espiritualização e o controle de tudo quanto é material tiveram importância central. O corpo mesmo era antes de tudo o lugar palpável e concreto da humanidade, com caráter pecaminoso e sujeito aos instintos, além de funcionar como um obstáculo no

caminho da salvação.

Existe uma necessidade real de entendermos o corpo a partir de uma análise histórica/social para compreendermos o seu importante papel no indivíduo, como um ser sexuado, no que se refere a corporeidade. A corporeidade é o ser humano em sua totalidade. O corpo é o ser humano. Logo, falar em corporeidade não é culto ao corpo (carne), pelo contrário, é considerar o corpo como a pessoa humana em sua inteireza, sem distinções dentro do mesmo corpo entre o sagrado e o profano.

A partir do momento que analisamos essa corporeidade dentro do protestantismo brasileiro, poderemos entender o porquê do corpo ser tão negligenciado por grande parte dos cristãos, e a sexualidade tão estigmatizada negativamente, e a partir do conhecimento sermos agraciados com a luz do conhecimento que traz libertação ao corpo e a mente.

O procedimento utilizado foi de caráter teórico e de Análise de Conteúdo de Bardin, considerando as palavras de Laurence Bardin (1977, p. 9) concernentes à análise de conteúdo:

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos contínuos) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial e inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem.

O método é altamente desafiador, mas com uma proposta que reside para além das suas funções heurísticas e verificativas que busca alongar o tempo de latência entre as instituições ou hipóteses de partida e as interpretações definitivas. Portanto, o processo de análise de conteúdo de Bardin nos obriga à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa. Se este intervalo de tempo é rico e fértil, há que recorrermos à análise de conteúdo.

O termo representações sociais, neste trabalho, será utilizado na mesma concepção dada por Émile Durkheim e Peter Berger, isto é, aquelas representações coletivas geradas pelas crenças de um determinado grupo, no

contexto de uma cultura e que servem para organizar o conhecimento do senso comum responsável pela dinâmica da vida cotidiana.

2 O CORPO E A SEXUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO E PROTESTANTISMO

A fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito na história. Corpo magnificado do Filho encarnado, do encontro do Verbo com a Carne, o Corpo glorioso de Cristo da Ressurreição, o corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é em toda parte a cruz, que lembra o sacrifício pela redenção da humanidade. O corpo limitado da grande legião dos santos, o corpo maravilhoso dos eleitos no Juízo Final (VIGARELLO, 2010, p. 20).

Entretanto, existe uma divergente imagem do corpo, semelhantemente cheia de sentido, que é a imagem do ser humano pecador. O corpo depreciado do ser humano pecador era, também, entendido como o caminho para a perdição. Delumeau bem disse que “o pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, aparecem como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações” (DELUMEAU, 1983, p. 23).

Uma ambiguidade atravessa o discurso cristão sobre o corpo e as imagens que ele representa, por meio de um duplo movimento de enobrecimento e de menosprezo do corpo.

A dificuldade em definir o corpo em sua totalidade atravessa toda a filosofia. Existe uma dualidade que permeia a ideia de corpo em contraposição à alma que vai de Platão a René Descartes com esse paralelismo (GOMES, 2017, p. 18).

Essa dualidade permeou praticamente todo o pensamento filosófico da época e, logicamente, influenciou o pensamento cristão que assimilou, em partes, essa dificuldade de entendimento do corpo como um todo. “Coube ao platonismo o gesto teórico de fundação da oposição entre corpo e psique. Para Platão, há antítese e antagonismo entre corpo e psique; esses dois extremos seriam contrários um ao outro” (CARDIM, 2009, p. 23).

Platão (427-347 a.C.) entendia o mundo material como uma reprodução imperfeita e uma imitação malfeita do mundo ideal. O mundo das ideias que era perfeito, eterno, incorruptível e divino. Para Platão, a alma (espírito) se relaciona com as ideias puras e pertencentes a Deus, entretanto, o corpo estava ligado ao mal, que veio mais tarde a ser identificado com Satanás, ou seja, o corpo como prisão da alma e habitação do mal. No entendimento de Platão, os objetos concretos e as coisas visíveis eram apenas reflexos de sua verdadeira essência que era invisível – o mundo do pensamento é que era real.

Em Descartes (1569-1650), pai da filosofia moderna, há uma oposição bem nítida entre a coisa pensante e a coisa externa (corpo). Temos um espírito que se manifesta no fato de sermos seres pensantes, mais real e mais fácil de reconhecer do que a existência corporal, e temos um corpo que obedece aos princípios, regras e leis da mecânica. O corpo humano é considerado por ele a máquina mais perfeita criada pelas mãos de Deus. É possível conceber alma e corpo como realidades distintas e independentes. “Para Descartes, o corpo deve ser apresentado em uma dupla perspectiva: ao mesmo tempo vivo e inerte, o corpo que sou e o corpo que tenho” (CARDIM, 2009, p. 31).

Percebe-se que o corpo traz consigo diferentes interpretações e se mostra terreno ainda indefinido no que tange a sua representação, sendo, portanto, palco para as mais diversas interpretações e conseqüentemente para futuras análises.

2.1 APÓSTOLO PAULO

No Cristianismo primitivo, esse conflito se aprofunda de tal forma que não produz somente uma cisão entre o corpo e a psique, mas identifica o corpo com o mal e suas origens, logicamente influenciado pela filosofia de Platão em relação ao tema.

Nossas tradições religiosas e espirituais encorajam a cisão mente/corpo ao sugerir que o propósito da evolução humana é transcender o corpo. Cristãos e hindus procuram redirecionar os desejos corporais para propósitos mais elevados; nossas necessidades inferiores de prazer e lazer são consideradas ignóbeis (ZWEIG e ABRAMS, 2014, p. 105).

No Cristianismo do século I, o corpo é destacado por dois fatores: a esperança escatológica dos primeiros cristãos e a teologia do Apóstolo Paulo. Os cristãos aguardavam ansiosamente o retorno de Cristo com a manifestação visível do reino de Deus; esperança esta que os influenciou a deixar bens, família, trabalho, lazer, ou seja, tudo, na expectativa da volta triunfante de Cristo (*parussia*) (GOMES, 2017, p. 21).

Outro ponto que marcou o imaginário cristão do primeiro século refere-se à teologia do apóstolo Paulo sobre o corpo. Nos escritos do apóstolo Paulo, no Novo Testamento da Bíblia Almeida Revista e Atualizada, encontramos 78 referências à palavra corpo (*soma*) entre suas variações. Nestes escritos o apóstolo apresenta o corpo como um objeto paradoxal, como se pode observar nos exemplos abaixo:

“Não reine, portanto, o pecado em vosso **corpo** mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões”. (Romanos 6.12)

Willian Hendriksen, um renomado estudioso e escritor de vários comentários sobre o Novo Testamento, argumenta que no texto supracitado, o que o apóstolo Paulo está recomendando é que os cristãos devem se colocar de guarda contra este grande perigo de deixar se dominar das vis paixões; paixões estas ligadas à sexualidade, pois cita o exemplo do Rei Davi, que cedeu “às paixões do corpo” e cometeu adultério (2 Samuel 11:1-5), evidenciando que o corpo do homem em seu estado pecaminoso tende para a morte, daí “corpos mortais” (HENDRIKSEN, 2001, p.267).

“Desventurado homem que sou! Quem me livrará do **corpo** desta morte?” (Romanos 7.24)

Hendriksen faz uma afirmação em sua obra que deixa clara e evidente a tamanha dualidade que o corpo apresenta na teologia do apóstolo Paulo:

O apóstolo Paulo roga para que seja resgatado de ‘este corpo de morte’, a saber, do corpo em sua presente condição, sujeito às devastações do pecado e da morte. Ele sabe que enquanto viver nesse atual ‘corpo de humilhação’ (Filipenses 3.21), a terrível luta continuará. Mas, uma vez terminada a vida nesse corpo, o estado impecável de glória terá início; primeiro, para a alma; depois, também para o corpo (HENDRIKSEN, 2001, p. 315).

“Se, porém, Cristo está em vós, o **corpo**, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça”. (Romanos 8.10)

O texto acima, mais uma vez, nos mostra a dualidade presente na teologia do apóstolo Paulo no que tange ao corpo e Hendriksen enfatiza isso em seu comentário:

Não só é verídico que, por causa do pecado, o corpo de cada um de vocês está obrigado a morrer, mas é também verídico que, visto que vocês já estão justificados, podem estar certos do fato de que o Espírito, que é Vida e o Autor da vida, está habitando dentro de vocês.

O escritor evidencia que o corpo na Teologia do Apóstolo Paulo é mortal e pecaminoso, mas também morada do próprio Deus na pessoa do Espírito Santo, ou seja, profano e sagrado juntos na mesma estrutura.

“Não sabeis que os vossos **corpos** são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não”. (1Coríntios 6.15)

Outro grande escritor renomado de comentários sobre o Novo Testamento, Simon Kistemaker, comenta sobre a ênfase positiva e valorosa que o apóstolo Paulo, agora, dá ao corpo, sendo este, parte do próprio Deus.

Paulo afirma que o corpo é para o Senhor e o Senhor para o corpo. Agora ele revela a extensão desse relacionamento íntimo: o corpo físico do crente é na realidade um membro de Cristo. Nesse versículo, Paulo declara o fato simples de os crentes serem ‘membros de Cristo’. Num contexto subsequente ele estende esse fato ao corpo de Cristo, que é a Igreja (ver 1Coríntios 12.12, 27 e Romanos 12.5,6). Cristo usa nosso corpo físico para promover a causa do evangelho e nutrir a comunhão com ele. Nós, portanto, somos as mãos e os pés de Cristo! Precisamos obedecer às orientações que vêm de Cristo; ele é nosso cabeça e nós somos seus membros (KISTEMAKER, 2003, p. 279).

Pode-se observar que o corpo neste momento da teologia paulina alcança um destaque divino, como parte do próprio Deus, completamente contrastante com o corpo mortal, pecaminoso, demonstrado nos textos anteriores. Observa-se também que este corpo, de certa forma divino, jamais poderá se render à “sexualidade pecaminosa” de se unir a uma meretriz, mas, deve conter tais paixões infames, pois fazem parte do corpo mortal, falho, pecaminoso.

Pode-se usar a passagem acima para iniciarmos uma sintética análise da ética sexual do apóstolo Paulo, que remete diretamente sobre os desdobramentos que o corpo assume em diferentes situações consideradas pecaminosas pelo cristianismo.

O apóstolo condena a *porneia* (fornicação, imoralidade sexual), palavra grega que dá origem a palavra *porne* (prostituta, meretriz). No texto em destaque (1Coríntios 6:15) o apóstolo Paulo inicia com uma pergunta retórica que exige uma resposta afirmativa, ao que indica que está se referindo a ensinamentos anteriores para refrescar a memória dos leitores. E prossegue com outra pergunta retórica, mas desta vez aguardando uma resposta negativa, contrária à cultura local, pois a cultura grega, e muito, a cidade de Corinto, e naquele tempo, a prostituição e a fornicção eram consideradas atividades toleráveis conforme relata Ateneu, escritor do século II d.C.:

Nós temos amantes para o prazer, concubinas para a concubinação diária, mas esposas nós temos para produzirem filhos legitimamente e ter uma guardiã de confiança de nossa propriedade doméstica (KISTEMAKER, 2003, p.279).

É certo que tal prática ocorria inclusive entre os cristãos da cidade de Corinto e o apóstolo Paulo revela real indignação com respeito a condição moral presente naquela cidade, mostrando que há incompatibilidade entre a cultura local e o cristianismo (conforme sua ética sexual), no quesito sexualidade.

Observe os seguintes textos, 1Coríntios 6:12-20:

Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas. Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne. Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está

em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

2Coríntios 12:19-21:

Há muito, pensais que nos estamos desculpando convosco. Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação. Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos. Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.

Gálatas 5:16-26:

Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.

Eféios 5:1-20:

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave. Mas a impudícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças. Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais participantes com eles. Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade), provando sempre o que é agradável ao Senhor. E não sejais cúmplices

nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz. Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará. Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

1 Tessalonicenses 4:1-6:

Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis progredindo cada vez mais; porque estais inteirados de quantas instruções vos demos da parte do Senhor Jesus. Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador.

Em todos esses textos a imoralidade sexual (porneia) é vinculada aos cultos gregos dos quais o apóstolo queria se diferenciar, mostrando a alternativa da vida nas comunidades cristãs. Em sua ética, o apóstolo entende que a cultura local está completamente fora dos padrões do cristianismo e inicia uma ferrenha tarefa de contrapor tal cultura utilizando de sua grande influência religiosa.

Gonçalves (2010, p.21) assegura que a ética sexual paulina propõe os seguintes itens:

- a) A valorização da pessoa independente do casamento, baseado em 1 Coríntios 7:7-8, 25-28:

Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro. E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo

recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel. Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está. Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento. Mas, se te casares, com isto não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.

- b) A harmonia das relações entre homens e mulheres, e nos grupos familiares, entendendo por extensão a vida nas comunidades cristãs, baseado em 1Coríntios 7.1-6:

Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência. E isto vos digo como concessão e não por mandamento.

- c) A ética não é imposta, mas apresentada como um aconselhamento pastoral a partir da experiência concreta da comunidade, baseado em 1Coríntios 7:1a, 6b:

“Quanto ao que me escrevestes... E isto vos digo como concessão e não por mandamento”.

Não será tratado a respeito da homossexualidade nesta sessão, pois deve-se considerar o fato histórico e cultural de que não haveria como imaginar, no século I que um casal homossexual, seja masculino ou feminino, pudesse ter uma vida familiar, logo, ao analisar os textos de autoria do apóstolo Paulo, Gonçalves (2010, p.22) afirma que não vemos nos escritos do apóstolo a preocupação com a homossexualidade como parte do mundo doméstico, mas como uma expressão religiosa de uma sociedade dominada pelas elites econômicas diante do qual o cristianismo era apresentado como alternativa mais digna e igualitária.

Retorna-se para a vertente que valoriza o corpo na teologia paulina e Kistemaker comenta sobre o grandioso valor do corpo segundo a ótica do

apóstolo, agora demonstrando que o corpo do cristão não pertence a si próprio, mas ao próprio Deus, uma vez que os faz parte dele e santuário sagrado de sua própria habitação.

Paulo faz os coríntios se lembrarem da sacralidade de seu corpo. Ele observa que o Espírito Santo faz sua habitação dentro deles, de modo que o corpo deles é seu templo. Ele escreve as duas palavras, corpo e templo, no singular para aplicá-las ao crente individual. E mais, por meio da ordem de palavras no grego, ele coloca ênfase sobre o Espírito Santo. Aos coríntios Paulo escreve literalmente: 'Seu corpo é um templo daquele que está dentro de vocês, a saber, o Espírito Santo', isto é, o corpo físico do cristão pertence ao Senhor e serve como residência do Espírito Santo (KISTEMAKER, 2003, p.286).

“E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no **corpo** da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis”. (Colossenses 1.21-22)

O apóstolo Paulo afirma que por meio da morte do corpo carnal de Cristo, os Colossenses se tornaram santos, inculpáveis e irrepreensíveis perante Deus. Desta forma, o corpo carnal, se apresenta aqui não como vítima do pecado, mal, decaído, mas como fonte de restauração para um grupo de pessoas. Hendriksen comenta tal texto afirmando que:

Por meio do sangue do Filho do amor de Deus a paz fora estabelecida. Ele, quer dizer, esse Filho do amor de Deus, em seu corpo de carne (que era a esfera da reconciliação), e por meio de sua morte (que era o instrumento) produzira um retomo à relação apropriada entre os colossenses e seu Deus. Um retomo, não como se houvera um tempo há muitos e muitos anos atrás, quando esses colossenses eram cristãos, mas, antes, no sentido de que o estabelecimento da paz entre o coração de Deus o Pai e a alma do pecador é para o último uma volta ao estado de retidão segundo o qual Deus criara o homem originalmente (HENDRIKSEN, 1998, p. 345)

Pode-se perceber que nos primeiros escritos destacados o corpo é marcado pela natureza adâmica, caída e corrompida, por outro lado, os seguintes escritos representam o corpo como o templo do Espírito Santo, parte de Cristo e propriedade dele.

Gomes (2006, p.5) elucida este paradoxo em sua seguinte afirmação:

Este dualismo paulino moldou o pensamento da patrística e se faz presente até hoje nas imagens que o Protestantismo cunhou sobre este tema. São Paulo afirma: “Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não, porém o praticá-lo. [...] Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças seja dada a Deus por Jesus Cristo Senhor nosso.” (Romanos 7.18; 25). O grande problema sobre o qual se debruçaram os exegetas da Igreja Primitiva foi definir o que significava carne neste trecho das Sagradas Escrituras. Para alguns, que seguiam a interpretação literal, a carne significava o corpo humano; para outros, que utilizavam a interpretação metafórica, poderia significar a natureza humana decaída. Até Santo Agostinho, no século IV, prevaleceu a interpretação literal na qual a carne estava identificada com o corpo humano. Somente a partir da exegese realizada por Agostinho e pelos teólogos que o sucederem a palavra carne que aparece em Romanos (7.5; 14; 18; 25; 28) recebeu a conotação de natureza humana. No entanto, o problema da "maldade da carne" apontada por Paulo neste texto ainda não estava resolvida: o corpo está incluído na natureza humana pecaminosa. A interpretação corrente no universo protestante afirma que aqui aparece uma antítese espírito-carne. O espírito humano estaria ligado às suas origens celestiais e o corpo humano umbilicalmente preso às suas origens terrestres conforme Gênesis 2.7: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra. Soprou o fôlego da vida em suas narinas, e o homem se tornou ser vivo.

Portanto, o corpo aparece nos escritos do apóstolo Paulo como luz e sombras. Entretanto, intrigantemente influenciados pelos seus escritos, em alguns setores do Protestantismo o aspecto luminoso do corpo foi esquecido, prevalecendo somente o lado sombrio, o corpo como sombra (VIGARELLO, 2012; TRIPP, 2003, p. 131-155).

Pode-se observar também que a *carne*, no apóstolo, foi qualificada de grandes noções superpostas, o que tornou cada vez mais complexa a compreensão do homem comum, que fora atraído pelo Cristianismo. Pode-se facilmente avaliar na exegese de dezenas de palavras das epístolas de Paulo o rumo que o futuro pensamento cristão tomaria sobre a pessoa humana. O apóstolo iniciou discursos sobre a guerra entre carne contra espírito e do espírito contra a carne, que expressavam, no pensamento do apóstolo, a imagem da resistência humana à vontade de Deus e da desobediência de Adão e Eva, que confrontaram todas as eras posteriores.

O apóstolo Paulo discorre exaustivamente em seus escritos sobre o

pungente conflito entre o corpo e a alma como uma realidade da vida, de tal maneira que muitos dos pecados que lhe eram mais repugnantes – em particular a imoralidade (luxúria), como expressão de uma sexualidade desregrada, e a embriaguez – provinham, logicamente, da submissão às exigências do corpo.

Evidencia-se, portanto, mais uma vez a complexidade dessa construção teológica, pois, se o corpo era em si mesmo uma natureza fraca, pecaminosa e estava aprisionado à força poderosa da carne, como poderia, todavia, ser morada do Espírito Santo e ser parte integrante do corpo de Cristo?

Todavia, a fragilidade física do corpo, sua propensão à morte e o inegável pendor de seus instintos para o pecado representado pela sexualidade serviram ao apóstolo Paulo como uma metáfora da natureza humana pecaminosa rebelada contra a obediência exigida por Deus:

Nas cartas de Paulo, o corpo humano nos é apresentado como numa fotografia batida contra o sol: trata-se de uma silhueta negra cujas bordas estão inundadas de luz. Percível, fraco, 'semeado na desonra', 'carregando sempre a morte de Jesus' em sua vulnerabilidade aos riscos físicos e à amarga frustração, o corpo de Paulo era realmente um 'vaso de argila'. No entanto, já refulgia com certa dose do mesmo espírito que erguera da sepultura o corpo inerte de Jesus: para que a vida de Jesus possa manifestar-se em nossa carne mortal (AGOSTINHO, 1990, p.132).

O apóstolo Paulo escreveu sobre o casamento e a sexualidade em diversos dos seus escritos bíblicos. Destacaremos o texto de 1 Coríntios 7.1-6, em que ele apresenta a sexualidade como uma concessão divina exclusiva no casamento, entretanto, estabelece igualdade entre os sexos em suas relações sexuais:

Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência. E isto vos digo como concessão e não por mandamento.

O casamento é apontado pelo apóstolo Paulo como uma concessão divina. E, afirma também que não há restrições para a prática da sexualidade no leito conjugal. Fica explícito no pensamento do apóstolo que a sexualidade no matrimônio é algo que deve ser resolvido entre iguais, sem a interferência de terceiros. O apóstolo estabelece um princípio norteador para a prática da sexualidade: o respeito mútuo, a integridade, as necessidades e os limites do parceiro(a).

2.2 SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho (354-430) foi um africano da cidade de Tagaste, localizada ao norte do continente. A vida de Santo Agostinho foi marcada pela dualidade. Seu pai, Patrício, era pagão e pequeno proprietário de terra. Sua mãe, Mônica, era fervorosa cristã. Submissa ao marido em quase tudo, suportando, inclusive, seu temperamento rude, só não se submeteu a ele no aspecto religioso. Manteve-se firme no Cristianismo e buscou a conversão de toda família, no que logrou êxito no final de sua vida. Enquanto a mãe procurava passar-lhe os valores cristãos, o pai estava mais preocupado em fazer do filho um “homem”. Papini afirma sobre a relação de Santo Agostinho com seu pai:

Agostinho não o amou; com a alma que lhe conhecemos não poderia amá-lo. Ele sentia que herdara desse pai todas as paixões que, no curso de sua vida, à custa de terríveis esforços, precisara arrancar do coração: a sensualidade, a ambição, o amor ao dinheiro. Foi combatendo em si as tendências paternas que Agostinho se tornou o que é e será eternamente – um santo. É o filho de Mônica e da graça (PAPINI, 1960, p. 10).

Na fase que antecedeu sua conversão teve predominante a influência do pai, uma vez que se dedicou, primordialmente, à realização dos desejos da carne. A passagem de Santo Agostinho por Cartago, principal cidade africana de então, a princípio para estudar, acabou colocando-o em contato com as tentações do corpo. Foi nesta cidade que conheceu a que seria sua concubina e mãe de seu único filho. Por outro lado, foi lá, também, que entrou em contato com a filosofia, tendo as obras de Cícero (106-43 a.C.) como sua primeira

grande inspiração intelectual e moral. Já a fase pós-conversão foi marcada pela influência da mãe, que sempre primou pelos valores cristãos, buscando uma vida santa e casta. A marca desta fase foi o árduo trabalho que teve como bispo de Hipona, cidade situada ao norte da África. Essas duas etapas de sua vida foram retratadas na obra *Confissões*, na qual o teólogo destaca a relação com o próprio corpo, antes e depois de sua conversão. Nesta obra mostrou-se arrependido por certas atitudes, porém, sempre confiante na misericórdia divina.

O quarto século da era cristã é marcado pelas reflexões e pensamentos teológicos de Santo Agostinho. Ele construiu as bases para a sistematização da teologia cristã em suas obras, e, também, reformulou as concepções sobre o corpo e a sexualidade. Suas obras teológicas são vastas, e a teologia do corpo e da sexualidade aparece em quase todas as suas composições: *Confissões* (1987), *Cidade de Deus* (1990), *Comentário Literal sobre Gênesis* (2005), *Do Bem Conjugal e Da Santa Virgindade* (2000) dedicam parte das teses agostinianas a esse tema (GOMES, 2017, p.33).

Santo Agostinho elucidava o corpo não mais como essencialmente mau, como o consideravam as concepções gnósticas do século II e maniqueístas do final do século III e início do século IV. É importante salientar que Santo Agostinho viveu uma juventude bem promíscua e sua formação filosófica pré-cristã exerceu nele grande influência em sua visão negativa da sexualidade no início de sua conversão. Santo Agostinho chegou a ensinar que o pecado original foi transmitido aos descendentes de Adão por meio do ato sexual, e essa seria a razão para Jesus ter ficado isento do pecado original, uma vez que nasceu a partir de uma concepção divina, isenta de uma união sexual. Santo Agostinho recebeu bastante influência do maniqueísmo, seita a qual fez parte antes de ser cristão, entretanto, radicalmente abandonou esse movimento e passou a inovar e reformular seus conceitos, inclusive teológicos.

Santo Agostinho trouxe uma inovadora visão sobre o corpo como algo indissolúvel e importante da pessoa humana. Ele percorre um amplo caminho de reflexão sobre o corpo e rompe com a tradição da época - que considerava o corpo e a sexualidade intrinsecamente um mal - e culmina com o ensino de que o cristão deve amar o corpo e não odiar.

Deixai que eu vos expresse isso ainda mais intimamente. Vossa carne é como vossa mulher (...) amai-a, repreendei-a; deixai que ela componha um só vínculo de corpo e alma, um vínculo de concórdia conjugal (AGOSTINHO apud BROWN, 1990, p. 350).

Santo Agostinho de forma inovadora reformula toda a noção de pecado original ao desvincular o sexo do pecado original, colocando a vontade humana como o centro da rebelião contra Deus. Ele postula que a pessoa deve controlar a sua vontade, sendo essa a fonte de todas as virtudes e de todos os males. Santo Agostinho definiu que o pecado original se deu a partir da desobediência a uma ordem expressa divina, uma vez que o homem e a mulher foram ordenados a não comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, conforme Gênesis 2.16-17: “E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

Outra grande contra-argumentação de Santo Agostinho para com os maniqueístas foi a exclusão da abstinência sexual obrigatória, inclusive no matrimônio, para a abstinência sexual voluntária. O maniqueísmo foi um movimento tão avesso ao prazer sexual que o Estado Romano proibiu a prática da contracepção e do aborto, por causa da influência maniqueísta que ameaçava o equilíbrio do índice da população demográfica do império, uma vez que Roma precisava de pessoas para cultivar os campos e manter o seu grande exército, do qual necessitava para manter a dominação e ocupação de espaços cada vez maiores.

Em Santo Agostinho a sexualidade, além da necessidade de procriação ganha outra função: as relações sociais, de forma que deveria solidificar a amizade e o companheirismo entre os sexos e servir de modelo no casamento, para as relações interpessoais. Ele entendia o ato sexual como algo anterior à queda, e neste ponto rompe com a tradição patrística e estabelece argumentos para que os cristãos vejam a sexualidade como algo natural, inerente ao corpo humano e sujeito a necessidades biológicas, espirituais e psicológicas (GOMES, 2017, p. 35).

É verdade haver muitas classes de libido; quando, porém, se diz simplesmente libido, sem mais nada, é costume quase sempre entender-se a que excita a partes sexuais do corpo. E é tão forte, que não apenas domina o corpo inteiro nem só de dentro para fora, mas também põe em jogo o homem todo, reunindo e

misturando entre si o afeto e o ânimo e apetite carnal, produzindo desse modo a voluptuosidade, que é o maior dos prazeres corporais. Tanto assim, que, no momento preciso em que a voluptuosidade chega ao cúmulo, se ofusca por completo quase toda a razão e surge a treva do pensamento (AGOSTINHO, 1990, p. 156).

Costa (1999, p. 165) afirma que as obras de Santo Agostinho são os primeiros tratados de psicologia moderna, pois, ao falar de suas inquietudes, de suas angústias, dúvidas e conflitos interiores, Santo Agostinho não está falando simplesmente de si mesmo, mas do homem ou da humanidade.

Gomes (2017, p. 35) afirma que Santo Agostinho foi o primeiro a formular uma psicologia sexual da libido quando escreve sobre a autonomia psíquica da libido como causa da impotência e da frigidez. Sendo assim a sexualidade foi retirada do eixo meramente espiritual da literatura teológica e colocada no âmbito dos fenômenos psicossomáticos humanos. Tanto na impotência, quanto na frigidez, a vontade era escarnecida pelo corpo com a mesma sem-cerimônia do gozo incontrolável do orgasmo - a libido não serve a libido e volta-se contra si mesma num movimento de introversão.

Assim, coisa estranha, a libido não somente se recusa a obedecer ao desejo legítimo de gerar, mas também ao apetite lascivo. Ela, que de ordinário se opõe ao espírito que a enfreia, às vezes, se resolve contra si mesma e, excitado o ânimo, se nega a excitar o corpo (AGOSTINHO, 1990, p. 156).

2.3 MARTINHO LUTERO E JOÃO CALVINO

Esses dois personagens se encontram juntos neste subtítulo, pois foram contemporâneos e contribuíram grandemente no período que compreende a Reforma Protestante, de forma, que não me caberia separá-los pela quantidade de referências que serão feitas e atribuídas a ambos.

João Calvino foi inicialmente um humanista que não chegou a ser ordenado sacerdote. Após o seu afastamento da Igreja Católica, Calvino começou a ser visto, gradualmente, como a voz do movimento protestante, pregando em igrejas e acabando por ser reconhecido por muitos como "padre". Vítima das perseguições aos huguenotes na França, fugiu para Genebra em 1536, onde faleceu em 1564. Genebra tornou-se definitivamente num centro do protestantismo europeu e João Calvino permanece até hoje uma figura central

da história da cidade e da Suíça (MACGRATH, 2003, p.103).

Martinho Lutero escreveu as suas 95 teses em 1517, quando Calvino tinha apenas oito anos de idade. Para muitos historiadores, Calvino terá sido para o povo de língua francesa aquilo que Lutero foi para o povo de língua alemã. Lutero era dotado de uma retórica mais direta, por vezes grosseira, enquanto Calvino tinha um estilo de pensamento mais refinado e geométrico (MACGRATH, 2003, p.103).

Segundo Cottret:

Quando se observa estes dois homens podia-se dizer que cada um deles se insere já num imaginário nacional: Lutero o defensor das liberdades germânicas, o qual se dirige com palavras arrojadas aos senhores feudais da nação alemã; Calvino, o filósofo pré-cartesiano, precursor da língua francesa, de uma severidade clássica, que se identifica pela clareza do estilo (COTTRET, 2000, p.38).

A teologia do corpo não era o foco dos debates entre os reformadores do século XVI, conseqüentemente existe um silêncio nesta temática na Reforma Protestante. Os teólogos estavam mais interessados em outras temáticas da esfera teológica, como as Escrituras, a graça, a fé, a justificação pela fé, a soberania de Deus, a salvação em Cristo, etc.

Com certeza a teologia do corpo não era para eles o foco dos debates teológicos razão por que existe silêncio sobre o corpo na Reforma Protestante do XVI século. Talvez por isso mesmo alguns aspectos da teologia protestante não favoreçam uma teologia do corpo (VIGARELLO, 2012, p.89).

Entretanto, a Reforma trouxe grandes novidades na compreensão da sexualidade, se comparado à Idade Média, o que indiretamente trabalha a temática do corpo. Resgatou-se o sentido original da prática da castidade e da virgindade, e conseqüentemente a valorização e a admissão do casamento tanto para leigos como para clérigos, o que foi uma mudança significativa que a Reforma trouxe em relação a vida medieval.

A Reforma Religiosa do século XVI, considerada a face religiosa do renascimento, privilegiou a leitura dos clássicos. As Sagradas Escrituras do Velho e do Novo Testamento foram alçadas pelos reformadores à categoria de Palavra de Deus, o registro seletivo dos atos de Deus na história do Seu povo, portanto, a única regra de fé e prática. Em última instância, os reformadores

Martinho Lutero e João Calvino elegeram São Paulo e Santo Agostinho como divisores de águas para a solução dos problemas teológicos e, mormente, àqueles relacionados ao corpo e à sexualidade (GOMES, 2017, p. 39).

Segundo Vainfas (1992, p. 37) a nova compreensão da sexualidade é um dos pontos em que a Teologia Reformada mais correspondeu com a prática. Os reformadores criticaram asperamente a imposição do celibato aos sacerdotes e monges por parte da Igreja Romana. Lutero, em seu escrito “Da nobreza cristã sobre a nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão” (1520), relata que “segundo a instituição de Cristo e dos apóstolos, cada cidade deve ter um pároco ou bispo, conforme o apóstolo Paulo escreve claramente em Tito 1.5-9. Não se deve obrigar esse pároco a viver sem esposa legítima”. Mais adiante explica o motivo para isso: “Um concílio deveria dar-lhes a liberdade de se casarem para evitar o risco e o pecado” (LUTERO, 2000, p. 313).

O ideal de castidade era considerado pela Igreja Romana como uma obra meritória para a salvação. Afirmava-se que quanto mais penosa a castidade, mais preciosa era aos olhos de Deus. Muitas vezes a castidade era imposta obrigando meninos e meninas a viverem isolados em mosteiros. Lutero e Calvino valorizavam a vocação para a castidade, desde que não fosse imposta, mas algo da escolha livre da pessoa: “Essas miseráveis pessoas cegas tentaram impor a castidade às pessoas a partir de fora, quando ela é uma dádiva do céu que tem que brotar de dentro” (LUTERO, 1995, p. 190).

Gomes afirma que “quanto ao corpo e a sexualidade, Lutero foi generoso para um homem de sua época. O corpo é considerado o templo do Espírito Santo, a morada de Deus. Não existe conflito entre o corpo e o espírito humano” (GOMES, 2017, p. 40).

“Que é o templo de Deus? Acaso pedras e madeiras? Não, diz Paulo: É Santo o templo de Deus que sois vós?” (LUTERO, 1995, p. 55).

Entende-se, portanto, que o ser humano é templo de Deus, não só o seu corpo. Lutero defende que o corpo como templo de Deus é uma dádiva da graça de Deus em Cristo, um *status* dado por Deus, e não uma categoria a ser conquistada. Conseqüentemente, as penitências, as autoflagelações são

combatidas, e mais do que isso, são consideradas uma afronta à pessoa e à obra do próprio Cristo. Logo, impor sofrimento ao corpo em nome de Deus é negar a graça do sofrimento vicário em Jesus Cristo (GOMES, 2017, p. 40).

Da mesma forma que a castidade não deveria ser algo imposto pela igreja às pessoas, a sexualidade também não deveria ser normatizada pelos clérigos. Uma gigantesca contribuição que Lutero trouxe para uma distinta e nova compreensão da sexualidade no século XVI foi ter retirado o matrimônio do arbítrio da igreja, pois como sacramento, estava sob a jurisdição da igreja que estabelecia impedimentos ao matrimônio, bem como regras para a vida sexual do casal. Entretanto, o matrimônio, na compreensão de Lutero, era assunto da vida privada, que dizia respeito ao noivo e noiva. Em tudo isso, portanto, percebe-se o esforço de eliminar o controle da Igreja sobre a instituição do casamento e a opressão que ela exercia sobre os corpos das pessoas. A partir dessa realidade, surge em Lutero uma nova concepção de matrimônio ligada a uma descoberta da corporeidade e uma valorização das relações sexuais (LUTERO, 1995, pp. 152-154).

Martinho Lutero escreveu sobre a sexualidade a partir da teologia do apóstolo Paulo e de Santo Agostinho. Seus escritos se destinavam a orientar o rebanho protestante que nasceu em torno de suas ideias, contudo, demonstram um avanço nesta questão: (a) não existe uma pedagogia sexual em Lutero; a questão das práticas sexuais, isto é o que deve ser praticado no leito conjugal, deve ser resolvida pelo casal; (b) Lutero não apresenta qualquer relação entre o sexo e o pecado original, portanto, não há nenhuma correlação entre a sexualidade e a culpabilidade humana original; e (c) a sexualidade é vista como inerente à própria identidade do ser humano, uma expressão desta identidade; sexo não é o que a pessoa faz, mas o que o sujeito é; e (d) o sexo é considerado como natural para homens e mulheres e a sexualidade é decorrente da graça de Deus para a pessoa humana (GOMES, 2017, pp. 40-41).

Lutero afirma:

Por isso, cada qual tem que se aceitar o corpo tal como Deus lho criou, e não está em meu poder transformar-me em mulher, e não está em teu poder transformar-te em homem. Tal como fez a ti e a mim, assim somos: eu um homem, tu uma mulher. (...) por conseguinte, assim como não está em meu poder deixar de ser homem, também não está em meu poder ficar sem mulher. Analogicamente, assim como não está em seu poder deixar de ser mulher, também não está em seu poder ficar sem homem. Pois aí, não se trata de livre escolha ou decisão, mas de algo

necessário e natural: quem é homem tem que ter uma mulher, e quem é mulher tem que ter um homem (LUTERO, 1995, pp. 161-162).

O respeito absoluto deve ser mútuo no relacionamento sexual, no que diz respeito a integridade pessoal do parceiro. Tal igualdade entre os sexos é constantemente reforçada nos escritos de Lutero:

E Deus quer que essas boas criaturas sejam honradas e respeitadas como obra divina, e não permite que o homem despreze ou ridicularize a mulher ou a moça. Nem tampouco, a mulher, o homem, mas cada qual honre a pessoa e o corpo do outro como boa obra de Deus, que agrada ao próprio Deus (LUTERO, 1995, pp. 161-162).

O sexo no casamento deve preservar seu caráter de ato voluntário tanto pelo homem quanto pela mulher, de forma que um deve satisfazer as necessidades do outro tanto quanto possível. A satisfação do desejo do cônjuge faz parte da responsabilidade da pessoa e é imprescindível para a manutenção do casamento. Lutero reconhece situações em que o matrimônio é desaconselhável ou para as quais se admite o divórcio: em caso de adultério, quando a pessoa escolhe viver de forma casta, quando “tem uma natureza fria” é impotente e incapaz por natureza de cumprir com o compromisso da procriação ou quando um se priva do outro e não lhe presta o dever conjugal (LUTERO, 1995, pp. 163-164).

Gomes (2017, p.43) afirma que João Calvino deu ao Protestantismo francês sua doutrina e organização e suas ideias se expandiram muito a partir da Universidade de Genebra, cujo fundador foi ele. Sua contribuição educacional foi difundida por quase toda Europa e atravessou o oceano atlântico chegando nas colônias inglesas da América do Norte. Entretanto, Calvino escreveu pouco sobre o corpo e a sexualidade e conseqüentemente não possuímos uma teologia do corpo atribuída à sua autoria. Ele entende que o corpo é o templo do Espírito Santo e conseqüentemente isso nos traz indícios para compreendermos o corpo humano em todas as dimensões (CALVINO, 1967, p. 344).

A teologia calvinista foi influenciada grandemente pelos escritos de Santo Agostinho e entende que Deus é soberano sobre todo o universo e toda a criação, conseqüentemente, o homem criado à imagem e semelhança divina

(no sentido espiritual, ético e moral) reflete em sua natureza os atributos de Deus ligados à ética e moralidade, mesmo sendo pecador. Sendo assim, uma vez que a semelhança entre o homem e Deus se dá no contexto espiritual, ético e moral, o corpo permanece de fora nessa identificação na concepção Calvinista, ou seja, permanece sem referência teológica (TRIPP, 2003, p.138). Vale destacar que no Brasil não se estudou a ética do corpo em João Calvino e conseqüentemente não temos suas implicações sobre a vida dos calvinistas. Entretanto, arrisca-se dizer que a ética do corpo permanece inexistente na vida dos calvinistas atuais, da mesma forma que não esteve presente na pauta teológica de Calvino há praticamente 500 anos atrás.

Calvino formulou a doutrina da predestinação segundo a qual Deus escolhe, antes da fundação do mundo, alguns homens para a salvação eterna. O homem predestinado à vida eterna é livre para fazer a vontade de Deus. Esta servidão voluntária é o sinal e o pressuposto da eleição. Não é uma imposição da igreja, mas o resultado do amor de Deus no coração do homem. O homem torna-se prisioneiro do amor de Deus (Efésios 2.10) (GOMES, 2017, p. 43).

Calvino compreende o corpo do ser humano eleito como o templo do Espírito Santo e conseqüentemente para provar a sua eleição o cristão precisa rejeitar todas as formas de prazer “mundano”, especialmente os prazeres corporais e sexuais. Analisando o movimento calvinista puritano-pietista a situação se estreita ainda mais, pois também visa rejeitar todas as formas de lazer, pois segundo o entendimento desse grupo o lazer incita o ser humano a buscar os prazeres da carne. A consequência é a clausura em seu próprio corpo desconhecido e incompreendido.

Como solução, muitas vezes só resta a alguns cristãos calvinistas a repressão e o controle do corpo e da sexualidade. O corpo torna-se a clausura do cristão. Seu deserto é o mundo e seu corpo, a sua cela, a sua sombra. O cristão calvinista no mais das vezes não é um corpo – ele tem um corpo. Tratar o próprio corpo como um objeto, não se considerar um corpo, mas ter um corpo como objeto talvez seja a forma mais vigorosa de repressão que o ser humano engendrou. Sem dúvida essa é uma interpretação errônea dos ensinamentos de João Calvino, que, assim como Lutero, afirma que o corpo é o templo do Espírito Santo e, como tal, deve ser aceito, acolhido, amado e não maltratado (GOMES, 2017, p. 44).

Pode-se inferir que o corpo e a sexualidade no movimento puritano-pietista recebem um papel secundário na vida do ser humano, uma vez que o sexo é permitido no contexto do matrimônio como uma concessão divina para remediar a luxúria. Em consequência disso, o sexo é separado do erotismo, pois até mesmo no casamento, toda forma de erotismo é pecaminosa.

Agostinho trata do assunto, e por, muito bem, em seu livro das Vantagens do Matrimônio, e às vezes, em outras partes. Pode-se sumariá-la como segue: o ato sexual entre esposa e esposo é algo puro, é legítimo e santo; porque é uma instituição divina. A paixão incontrolável com que os homens são inflamados é um vício oriundo da corrupção da natureza humana; mas, para os crentes, o matrimônio é um véu que cobre essas falhas, de modo que Deus não mais as vê (CALVINO, 1996, p. 204).

Pode-se claramente perceber que as imagens distorcidas do corpo e da sexualidade oriundas do movimento calvinista puritano-pietista não podem ser atribuídas a João Calvino, pois seria injusto essas distorções da compreensão do corpo serem atribuídas a ele.

3 A SEXUALIDADE E O EROTISMO NOS ESCRITOS BÍBLICOS

A partir de uma análise teológica e antropológica se propõe que é possível observar no Antigo Testamento, quatro “modelos” de sexualidade na Bíblia: (1) o modelo procriativo patriarcal; (2) o modelo poligâmico monárquico; (3) o modelo moralista e (4) o modelo erótico-afetivo (CALVANI, 2010, p. 7)

3.1 O MODELO PROCRIATIVO PATRIARCAL

Neste modelo a procriação é o critério central, logo, qualquer forma de sexualidade que não tenha a procriação como consequência não é bem aceita. Observa-se o exemplo de Onã em Gênesis 38:8-10:

Então, disse Judá a Onã: Possui a mulher de teu irmão, cumpre o levirato e suscita descendência a teu irmão. Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão. Isso, porém, que fazia, era mau perante o SENHOR, pelo que também a este fez morrer.

No texto supracitado observa-se que Onã desobedeceu a ordem de Judá, seu pai, e não fez uso do sexo para suscitar descendência a seu falecido irmão – procriação – e pagou o preço de tal prática com a própria vida.

Dentro desse modelo há um aspecto político que envolve a luta pela herança em que a mulher tem na maternidade seu principal instrumento de influência política. Observa-se os exemplos de Sara e Agar em Gênesis 16:1-6:

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, uma serva egípcia, por nome Agar, disse Sarai a Abrão: Eis que o SENHOR me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abrão anuiu ao conselho de Sarai. Então, Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, depois de ter ele habitado por dez anos na terra de Canaã. Ele a possuiu, e ela concebeu. Vendo ela que havia concebido, foi sua senhora por ela desprezada. Disse Sarai a Abrão: Seja sobre ti a afronta que se me faz a mim. Eu te dei a minha serva para a possuíres; ela, porém, vendo que concebeu, desprezou-me. Julgue o SENHOR entre mim e ti. Respondeu Abrão a Sarai: A tua serva está nas tuas mãos, procede segundo melhor te parecer. Sarai humilhou-a, e ela fugiu de sua presença.

Raquel e Lia em Gênesis 29:1-35:

Pôs-se Jacó a caminho e se foi à terra do povo do Oriente. Olhou, e eis um poço no campo e três rebanhos de ovelhas deitados junto dele; porque daquele poço davam de beber aos rebanhos; e havia grande pedra que tapava a boca do poço. Ajuntavam-se ali todos os rebanhos, os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a colocá-la no seu devido lugar. Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam: Somos de Harã. Perguntou-lhes: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos. Ele está bom? Perguntou ainda Jacó. Responderam: Está bom. Raquel, sua filha, vem vindo aí com as ovelhas. Então, lhes disse: É ainda pleno dia, não é tempo de se recolherem os rebanhos; dai de beber às ovelhas e ide apascentá-las. Não o podemos, responderam eles, enquanto não se ajuntarem todos os rebanhos, e seja removida a pedra da boca do poço, e lhes demos de beber. Falava-lhes ainda, quando chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porque era pastora. Tendo visto Jacó a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, chegou-se, removeu a pedra da boca do poço e deu de beber ao rebanho de Labão, irmão de sua mãe. Feito isso, Jacó beijou a Raquel e, erguendo a voz, chorou. Então, contou Jacó a Raquel que ele era parente de seu pai, pois era filho de Rebeca; ela correu e o comunicou a seu pai. Tendo Labão ouvido as novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou para casa. E contou Jacó a Labão os acontecimentos de sua viagem. Disse-lhe Labão: De fato, és meu osso e minha carne. E Jacó, pelo espaço de um mês, permaneceu com ele. Depois, disse Labão a Jacó: Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? Ora, Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha os olhos baços, porém Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava a Raquel e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel. Respondeu Labão: Melhor é que eu te dê, em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo. Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar e deu um banquete. À noite, conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó. E coabitaram. (Para serva de Lia, sua filha, deu Labão Zilpa, sua serva.) Ao amanhecer, viu que era Lia. Por isso, disse Jacó a Labão: Que é isso que me fizeste? Não te servi eu por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste? Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita. Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás. Concordou Jacó, e se passou a semana desta; então, Labão lhe deu por mulher Raquel, sua filha. (Para serva de Raquel, sua filha, deu Labão a sua serva Bila.) E coabitaram. Mas Jacó amava mais a Raquel do que a Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos. Vendo o SENHOR que Lia era desprezada, fê-la fecunda; ao passo que Raquel era estéril. Concebeu, pois, Lia e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben, pois disse: O SENHOR atendeu à minha aflição. Por isso, agora me amará meu marido. Concebeu outra vez, e deu à luz um filho,

e disse: Soube o SENHOR que era preterida e me deu mais este; chamou-lhe, pois, Simeão. Outra vez concebeu Lia, e deu à luz um filho, e disse: Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido, porque lhe dei à luz três filhos; por isso, lhe chamou Levi. De novo concebeu e deu à luz um filho; então, disse: Esta vez louvarei o SENHOR. E por isso lhe chamou Judá; e cessou de dar à luz.

E Ana e Penina em 1Samuel 1:1-6:

Houve um homem de Ramataim-Zofim, da região montanhosa de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efraimita. Tinha ele duas mulheres: uma se chamava Ana, e a outra, Penina; Penina tinha filhos; Ana, porém, não os tinha. Este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao SENHOR dos Exércitos, em Siló. Estavam ali os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, como sacerdotes do SENHOR. No dia em que Elcana oferecia o seu sacrifício, dava ele porções deste a Penina, sua mulher, e a todos os seus filhos e filhas. A Ana, porém, dava porção dupla, porque ele a amava, ainda mesmo que o SENHOR a houvesse deixado estéril. (A sua rival a provocava excessivamente para a irritar, porquanto o SENHOR lhe havia cerrado a madre).

Pode-se inferir dos textos citados acima que essa luta pela supremacia reprodutiva é uma luta pela cidadania feminina dentro do clã, que se utiliza de estratégias ousadas e criativas que não respeitam padrões rígidos de moralidade como pode se constatar no exemplo de Tamar em Gênesis 38:12-30:

No correr do tempo morreu a filha de Sua, mulher de Judá; e, consolado Judá, subiu aos tosquiadores de suas ovelhas, em Timna, ele e seu amigo Hira, o adulamita. E o comunicaram a Tamar: Eis que o teu sogro sobe a Timna, para tosquiar as ovelhas. Então, ela despiu as vestes de sua viuvez, e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou, e se assentou à entrada de Enaim, no caminho de Timna; pois via que Selá já era homem, e ela não lhe fora dada por mulher. Vendo-a Judá, teve-a por meretriz; pois ela havia coberto o rosto. Então, se dirigiu a ela no caminho e lhe disse: Vem, deixa-me possuir-te; porque não sabia que era a sua nora. Ela respondeu: Que me darás para coabitares comigo? Ele respondeu: Enviar-te-ei um cabrito do rebanho. Perguntou ela: Dar-me-ás penhor até que o mandes? Respondeu ele: Que penhor te darei? Ela disse: O teu selo, o teu cordão e o cajado que seguras. Ele, pois, lhos deu e a possuiu; e ela concebeu dele. Levantou-se ela e se foi; tirou de sobre si o véu e tornou às vestes da sua viuvez. Enviou Judá o cabrito, por mão do adulamita, seu amigo, para reaver o penhor da mão da mulher; porém não a encontrou. Então, perguntou aos homens daquele lugar: Onde está a prostituta cultural que se achava junto ao caminho de Enaim? Responderam: Aqui não esteve meretriz nenhuma. Tendo voltado a Judá, disse: Não a encontrei; e

também os homens do lugar me disseram: Aqui não esteve prostituta cultural nenhuma. Respondeu Judá: Que ela o guarde para si, para que não nos tornemos em opróbrio; mandei-lhe, com efeito, o cabrito, todavia, não a achaste. Passados quase três meses, foi dito a Judá: Tamar, tua nora, adulterou, pois está grávida. Então, disse Judá: Tirai-a fora para que seja queimada. Em tirando-a, mandou ela dizer a seu sogro: Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E disse mais: Reconhece de quem é este selo, e este cordão, e este cajado. Reconheceu-os Judá e disse: Mais justa é ela do que eu, porquanto não a dei a Selá, meu filho. E nunca mais a possuiu. E aconteceu que, estando ela para dar à luz, havia gêmeos no seu ventre. Ao nascerem, um pôs a mão fora, e a parteira, tomando-a, lhe atou um fio encarnado e disse: Este saiu primeiro. Mas, recolhendo ele a mão, saiu o outro; e ela disse: Como rompestes saída? E lhe chamaram Perez. Depois, lhe saiu o irmão, em cuja mão estava o fio encarnado; e lhe chamaram Zera.

Atualmente algumas igrejas fundamentam sua orientação para a sexualidade quase que exclusivamente no modelo procriativo. Porém, essas igrejas não admitem a geração de filhos fora do casamento, o que era recorrente nos clãs bíblicos através de “servas” indicadas pelas esposas que tinham problemas de fertilidade. Com isso, pode-se inferir que no modelo procriativo bíblico a busca pela geração de filhos (mais do que filhas) estava acima de quase qualquer outro valor, salvo o estupro. O problema de assumir o modelo procriativo na atualidade é que leva à condenação do uso de métodos anticoncepcionais considerando-os “não-naturais”. Na verdade, até alguns métodos naturais são condenados, como o “coito interrompido” (Onanismo, proveniente do personagem bíblico citado anteriormente - Onã - do relato bíblico de Gênesis 38.8-10). A orientação procriativa torna pecaminosa a harmonia entre desejo sexual e planejamento familiar além de dificultar o autoconhecimento sexual de homens e mulheres. Na atualidade, tal modelo promove a competição entre as mulheres que veem na geração de filhos/as o sentido maior ou até único da relação com o parceiro, pois o *status* de mãe torna a mulher teologicamente e socialmente aceita e valorizada levando a certa desvalorização das outras capacidades humanas femininas, e a uma grande discriminação contra mulheres solteiras e casais sem filhos e filhas (GONÇALVES, 2010, p. 12).

3.2 O MODELO POLIGÂMICO MONÁRQUICO

Neste modelo o Rei tem direito a ter inúmeras mulheres divididas em dois grupos: princesas e concubinas, conforme o relato de 1Reis 11:3:

“Tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração”.

O harém monárquico não é diretamente condenado nos textos bíblicos como mostra a história de Davi em 2Samuel 5:13:

“Tomou Davi mais concubinas e mulheres de Jerusalém, depois que viera de Hebrom, e nasceram-lhe mais filhos e filhas”.

Gonçalves (2010, p. 13) afirma que apesar de, na época, as relações sexuais gerarem filhos e filhas, a procriação não era o critério central do modelo poligâmico monárquico, já que o rei precisaria de apenas um herdeiro para lhe suceder no trono e não de muitos como nas famílias camponesas. A sexualidade é nada mais do que mais uma das expressões de poder do rei, pois uma grande quantidade de princesas mostra a pluralidade de relações diplomáticas e comerciais, e uma grande quantidade de concubinas mostra o poder do rei sobre o povo.

Atualmente, nossa sociedade ocidental judaico-cristã, não admite oficialmente a poligamia, considerando-a até mesmo ilegal, entretanto, convive relativamente bem com o fato de um homem (especialmente quando rico) ter várias mulheres (uma esposa e amantes), mas, não aceita de forma alguma a poliandria (uma mulher ter vários homens).

3.3 O MODELO MORALISTA

O modelo moralista é dirigido pelo poder sacerdotal que assume o governo de Jerusalém sob o domínio Persa entre 450 e 400 a.C. conforme nos demonstra o relato de Esdras 4:

Ouvindo os adversários de Judá e Benjamim que os que voltaram do cativo edificavam o templo ao SENHOR, Deus de

Israel, chegaram-se a Zorobabel e aos cabeças de famílias e lhes disseram: Deixai-nos edificar convosco, porque, como vós, buscaremos a vosso Deus; como também já lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir para aqui. Porém Zorobabel, Jesua e os outros cabeças de famílias lhes responderam: Nada tendes conosco na edificação da casa a nosso Deus; nós mesmos, sozinhos, a edificaremos ao SENHOR, Deus de Israel, como nos ordenou Ciro, rei da Pérsia. Então, as gentes da terra desanimaram o povo de Judá, inquietando-o no edificar; alugaram contra eles conselheiros para frustrarem o seu plano, todos os dias de Ciro, rei da Pérsia, até ao reinado de Dario, rei da Pérsia. No princípio do reinado de Assuero, escreveram uma acusação contra os habitantes de Judá e de Jerusalém. E, nos dias de Artaxerxes, rei da Pérsia, Bislão, Mitredate, Tabeel e os outros seus companheiros lhe escreveram; a carta estava escrita em caracteres aramaicos e na língua síriaca. Reum, o comandante, e Sinsai, o escrivão, escreveram contra Jerusalém uma carta ao rei Artaxerxes. Escreveu Reum, o comandante, e Sinsai, o escrivão, os outros seus companheiros: dinaítas, afarsaquitas, tarpelitas, afarsitas, arquevitas, babilônios, susanquitas, deavitas, elamitas e outros povos, que o grande e afamado Osnapar transportou e que fez habitar na cidade de Samaria, e os outros aquém do Eufrates. Eis o teor da carta endereçada ao rei Artaxerxes: Teus servos, os homens daquém do Eufrates e em tal tempo. Seja do conhecimento do rei que os judeus que subiram de ti vieram a nós a Jerusalém. Eles estão reedificando aquela rebelde e malvada cidade e vão restaurando os seus muros e reparando os seus fundamentos. Saiba ainda o rei que, se aquela cidade se reedificar, e os muros se restaurarem, eles não pagarão os direitos, os impostos e os pedágios e assim causarão prejuízos ao rei. Agora, pois, como somos assalariados do rei e não nos convém ver a desonra dele, por isso, mandamos dar-lhe aviso, a fim de que se busque no Livro das Crônicas de seus pais, e nele achará o rei e saberá que aquela cidade foi rebelde e danosa aos reis e às províncias e que nela tem havido rebeliões, desde tempos antigos; pelo que foi a cidade destruída. Nós, pois, fazemos notório ao rei que, se aquela cidade se reedificar, e os seus muros se restaurarem, sucederá que não terá a posse das terras deste lado do Eufrates. Então, respondeu o rei: A Reum, o comandante, a Sinsai, o escrivão, e a seus companheiros que habitam em Samaria, como aos restantes que estão além do Eufrates: Paz! A carta que nos enviastes foi distintamente lida na minha presença. Ordenando-o eu, buscaram e acharam que, de tempos antigos, aquela cidade se levantou contra os reis, e nela se têm feito rebeliões e motins. Também houve reis poderosos sobre Jerusalém, que dalém do Eufrates dominaram em todo lugar, e se lhes pagaram direitos, impostos e pedágios. Agora, pois, dai ordem a fim de que aqueles homens parem o trabalho e não se edifique aquela cidade, a não ser com autorização minha. Guardai-vos, não sejais remissos nestas coisas. Por que há de crescer o dano em prejuízo dos reis? Depois de lida a cópia da carta do rei Artaxerxes perante Reum, Sinsai, o escrivão, e seus companheiros, foram eles apressadamente a Jerusalém, aos judeus, e, de mão armada, os forçaram a parar com a obra. Cessou, pois, a obra da Casa de Deus, a qual estava em

Jerusalém; e isso até ao segundo ano do reinado de Dario, rei da Pérsia.

Esdras interfere na sexualidade afetiva e procriativa para eliminar o convívio dos homens judeus com mulheres de outros povos conforme nos mostra o relato em Esdras 9.10:

Agora, ó nosso Deus, que diremos depois disto? Pois deixamos os teus mandamentos, que ordenaste por intermédio dos teus servos, os profetas, dizendo: A terra em que entrais para a possuir é terra imunda pela imundícia dos seus povos, pelas abominações com que, na sua corrupção, a encheram de uma extremidade à outra. Por isso, não dareis as vossas filhas a seus filhos, e suas filhas não tomareis para os vossos filhos, e jamais procurareis a paz e o bem desses povos; para que sejais fortes, e comais o melhor da terra, e a deixeis por herança a vossos filhos, para sempre.

Neste modelo a monogamia é imposta, de forma que é proibido que o homem tenha mais de uma parceira conforme relato de Levítico 18:18:

“E não tomarás com tua mulher outra, de sorte que lhe seja rival, descobrindo a sua nudez com ela durante sua vida”.

A sexualidade é banida como elemento cultural no modelo moralista e todos os aspectos da vida estão debaixo do controle da nova ordem sacerdotal submissão ao poder político dominante (GONÇALVEZ, 2010, p. 14).

Pode-se perceber que o princípio do modelo moralista ainda permanece na sociedade ocidental, tal como a monogamia. Mas, segundo Gonçalves (2010, p.15) nos últimos tempos a humanidade vem resgatando o sentido do corporal e da nudez, pois a nudez no convívio familiar e social não implica em relacionamento sexual. Entretanto, há igrejas que aplicam rígidos padrões de vestimenta mostrando forte desconfiança para com o corpo, especialmente o feminino, evidenciando assim o padrão de moralidade androcêntrica.

3.4 O MODELO ERÓTICO-AFETIVO

A maior expressão bíblica deste modelo se encontra no livro Cântico dos Cânticos com as mais diversas interpretações tanto no judaísmo quanto no cristianismo. Gonçalves (2010, p. 15) afirma que as leituras deste livro podem

ser resumidas em três grupos:

- Alegóricas: negam a centralidade da sexualidade dentro do Cântico dos Cânticos, e interpretam o texto a partir de outros textos bíblicos;
- Naturais: afirmam a centralidade da sexualidade, e procuram em geral manter-se dentro de uma intertextualidade bíblica;
- Míticas ou litúrgicas ou cultuais: afirmam a centralidade da sexualidade, mas enfatizando as evidências literárias e arqueológicas do contexto extra-bíblico.

Calvani (2010, p.117) afirma:

O livro Cântico dos Cânticos é pouco utilizado nas igrejas, e nas poucas vezes que o utilizam o fazem orientados na interpretação alegórica. Poucas vezes a leitura busca outros referenciais ou é feita simplesmente de modo “natural”, e mesmo quando se tenta fazer isso, a interpretação sofre condicionamentos derivados de certo consenso moral que se esquivam de algumas passagens, pelo incômodo que causam.

Na tentativa de ir contra a pouca utilização do texto de Cântico dos Cânticos, propõe-se um breve discurso sobre alguns breves trechos baseado no prisma de Boehler (1988, p.5):

Cantares recupera a dimensão da vida, da terra, das cores, das formas, do cheiro. O lugar de encontro, de abraços, de amor. Nele o critério da dimensão divina do ser humano é a própria sensualidade dos corpos. E o corpo inteiro é bonito. É todo erótico. Não é profano. É o templo da vida.

Cântico dos cânticos 2.2-7:

Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha querida entre as donzelas. Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar. Leva-me à sala do banquete, e o seu estandarte sobre mim é o amor. Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, pois desfaleço de amor. A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a direita me abraça. Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira.

O trecho acima relata um encontro amoroso entre o casal com

declarações mútuas de amor e elogios. Calvani (2010, p.122) comenta esta passagem da seguinte forma:

O jovem afirma só ter olhos para sua amada ('Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha querida entre as donzelas'). Ela afirma sentir o mesmo e diz que só se sente feliz em seus braços ('desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento'). Há, porém, um detalhe exegético a considerar aqui: a parte b do versículo 3 tem sofrido muito por preconceitos de tradutores. A tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH) retirou boa parte do poder metafórico do texto: 'os seus carinhos são doces para mim', enquanto a Almeida Revista e Atualizada traz "o seu fruto é doce ao meu paladar". Mas sempre que os verbos ali empregados aparecem no Antigo Testamento, sua tradução pode ser tanto 'devorar' como 'lamber' (Juízes 7:5-7, 1Reis 18:38, 21:19, 22:38, Isaías 49:23). Se esse versículo sugere a prática do sexo oral como carinho e forma de proporcionar prazer, então a tradução da BJ (Bíblia de Jerusalém) está bem mais próxima do sentido do texto: 'com o seu fruto na boca'. Este é o grande valor das metáforas poéticas: elas dizem com muita beleza, certas coisas difíceis de expressar. Uma das possibilidades interpretativas do texto é afirmar que a amada deseja ardentemente ter em sua boca para degustar, devorar ou lamber, o 'fruto' da macieira.

Entretanto, o estudioso G. Lloyd Carr (1989, p.250) se contrapõe à afirmação de Calvani e explica que:

Alguns comentaristas têm sugerido que fruto deve-se tomar como equivalente a relações sexuais. Embora a maçã frequentemente seja tida como símbolo erótico, tal interpretação é desnecessária aqui. Paladar é mais correto que sabor, porque inclui os lábios, os dentes, a boca toda. A palavra hebraica para disciplina ou treinamento (*hānak*) deriva da mesma raiz. O primeiro passo no treinamento de uma criança é a unção de seus lábios com mel, de tal maneira que o aprendiz se identifique com a doçura. Se esta ideia tem alguma aplicação neste texto, a jovem pode estar exprimindo sua satisfação pelas formas de amor nas quais o amado a instruiu.

Já no princípio do livro do Cânticos dos Cânticos observa-se a dificuldade entre interpretações no texto que ora, se apresentam com teor sexual mais amplo e aberto e ora se apresentam com uma interpretação mais recatada e conservadora, entretanto, ambos excluem a possibilidade de interpretação alegórica que interpreta o romance como Cristo e a Igreja que retira o erotismo e a sexualidade do texto entre corpos humanos que se desejam.

Segue-se para o versículo quatro que, segundo Calvani (2010), aborda um relacionamento sexual de forma poética em que o pastor conduz sua jovem

amante a uma “sala de festas” (ARA - Bíblia Almeida Revista e Atualizada). No hebraico a expressão literal é “casa de vinhos”, que se identifica como lugar de alegria e prazer, uma vez que o vinho, no Antigo Testamento, geralmente está associado ao prazer e à alegria, ou seja, naquele lugar propício à vivência do amor, a jovem diz que o estandarte do jovem sobre ela é o amor, ou como traduziu a versão Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH): “ali nos entregamos ao amor”.

Carr (1989) declara que este versículo é muito complexo em sua interpretação e não se posiciona quanto ao seu sentido, mas é inclinado a concordar com a opinião do estudioso Pope (1977) que entende que essa passagem está abordando o relacionamento sexual dos amantes.

O versículo 5 encontra coerência de opiniões entre Calvani (2010) e Carr (1989) que entendem que nesta passagem a jovem se encontra completamente esgotada após uma intensa relação sexual e solicita passas e maçãs para revitalizá-la, que no contexto do Antigo Testamento são poderosas frutas afrodisíacas (CARR, 1989, p. 251).

Os versículos 6 e 7 não encontram dificuldades na interpretação uma vez que no entendimento dos estudiosos utilizados os jovens se acariciam, felizes e realizados e que a posição da mão esquerda debaixo da cabeça dela sugere que os dois estão deitados, e que ele a acaricia e abraça com a mão direita. Diante de toda intensidade da expectativa desse encontro, nada mais natural que ela peça às “filhas de Jerusalém que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira”, ou seja, não incomodem ou atrapalhem a intimidade do casal (CARR, 1989, p.251; CALVANI 2010, p. 123).

Nesse pequeno trecho percebe-se a profundidade e a beleza do Cântico dos Cânticos em um texto que conduz muitos elogios mútuos ao desejo, à sedução e a entrega dos amantes um ao outro, onde a sexualidade é encarada como natural e fonte de prazer para ambos. É importante salientar que tal sexualidade está ligada diretamente à corporeidade, uma vez que o corpo é o ponto máximo onde a sexualidade chega ao seu fim em si mesma.

Cântico dos Cânticos 2:8-13:

Ouço a voz do meu amado; ei-lo aí galgando os montes, pulando sobre os outeiros. O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho da gazela; eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades. O meu amado fala e me diz: Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi; aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira começou a dar seus figos, e as vides em flor exalam o seu aroma; levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem.

Carr (1989, p. 252) se detém a explicar os termos desta passagem, pois não encontra dificuldade em entender o seu sentido, que foi muito bem explanado por Calvani (2010, p. 125) que afirma que esse é um dos momentos mais belos do livro em que há um convite para desfrutar o amor ao ar livre e a natureza se torna cúmplice do romance. Observa-se todo um “jogo erótico” em andamento: enquanto a jovem está deitada o jovem a observa sorrateiramente “espreitando pelas grades”, contemplando-a (que sabe que está sendo observada) e posteriormente a convida para um passeio no campo.

É de extrema riqueza analisar como a natureza se torna palco do amor entre os jovens, ao ar livre, onde o próprio mundo se oferece como estímulo erótico entre os amantes participando da sedução.

Cântico dos Cânticos 5.2-16:

Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado, que está batendo: Abre-me, minha irmã, querida minha, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos, das gotas da noite. Já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez? Já lavei os pés, tornarei a sujá-los? O meu amado meteu a mão por uma fresta, e o meu coração se comoveu por amor dele. Levantei-me para abrir ao meu amado; as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos mirra preciosa sobre a maçaneta do ferrolho. Abri ao meu amado, mas já ele se retirara e tinha ido embora; a minha alma se derreteu quando, antes, ele me falou; busquei-o e não o achei; chamei-o, e não me respondeu. Encontraram-me os guardas que rondavam pela cidade; espancaram-me e feriram-me; tiraram-me o manto os guardas dos muros. Conjuuro-vos, ó filhas de Jerusalém, se encontrardes o meu amado, que lhe direis? Que desfaleço de amor. Que é o teu amado mais do que outro amado, ó tu, a mais formosa entre as mulheres? Que é o teu amado mais do que outro amado, que tanto nos conjuras? O meu amado é alvo e rosado, o mais distinguido entre dez mil. A sua cabeça é como o ouro mais apurado, os seus cabelos, cachos de palmeira, são pretos como o corvo. Os seus olhos são como os das pombas junto às correntes das águas, lavados em leite, postos em engaste. As suas faces são como um canteiro

de bálsamo, como colinas de ervas aromáticas; os seus lábios são lírios que gotejam mirra preciosa; as suas mãos, cilindros de ouro, embutidos de jacintos; o seu ventre, como alvo marfim, coberto de safiras. As suas pernas, colunas de mármore, assentadas em bases de ouro puro; o seu aspecto, como o Líbano, esbelto como os cedros. O seu falar é muitíssimo doce; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas de Jerusalém.

O texto supracitado nos traz detalhes riquíssimos. A cena se desenrola durante a noite enquanto a jovem dorme e seu amante a procura sorrateiramente (mas dessa vez sem o consentimento da jovem), que a convida para segui-lo, mas a jovem a princípio resiste ao convite, por já estar recolhida e pronta para dormir. Entretanto, não resiste, levanta-se e ao abrir a porta já não encontra o jovem que já havia se retirado. Ela sai para procurá-lo durante a noite e possivelmente por não atender ao chamado dos guardas para que parasse sua busca frenética é espancada pelos mesmos, mas mesmo diante da forte repressão ainda prossegue em seu desejo de encontrar o seu amado (CARR, 1989, p. 293).

Calvani (2010, p. 128) discorre sobre a cena da seguinte forma:

É comum em muitas poesias e dramas amorosos, a necessidade de resistir contra a repressão de autoridades (pais, professores, religiosos, militares, etc) que tudo fazem para impedir a aproximação dos namorados. O mesmo ocorre no texto bíblico, inclusive com o uso da violência física. Para o desejo, entretanto, não existem barreiras e, por isso a jovem não desiste de encontrar seu amado. Sua insistência desperta até mesmo o espanto e a admiração das demais mulheres (v.9) que interrogam a jovem.

A partir do versículo 10 a jovem passa a descrever fisicamente o seu amor em uma extrema valorização de todo o seu corpo, com riqueza de figuras de linguagens para elevar ainda mais o valor dado ao físico do seu amor, mais uma vez em uma completa valorização do corpo humano em sua totalidade. Porém, não somente ela o descreve, mas o jovem também tece comentários repletos de elogios sobre o corpo de sua amada com riqueza de detalhes que exaltam a beleza e a sensualidade da jovem no capítulo 7, versículos de 1 ao 13:

Que formosos são os teus passos dados de sandálias, ó filha do príncipe! Os meneios dos teus quadris são como colares trabalhados por mãos de artista. O teu umbigo é taça redonda, a

que não falta bebida; o teu ventre é monte de trigo, cercado de lírios. Os teus dois seios, como duas crias, gêmeas de uma gazela. O teu pescoço, como torre de marfim; os teus olhos são as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz, como a torre do Líbano, que olha para Damasco. A tua cabeça é como o monte Carmelo, a tua cabeleira, como a púrpura; um rei está preso nas tuas tranças. Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias! Esse teu porte é semelhante à palmeira, e os teus seios, a seus cachos. Dizia eu: subirei à palmeira, pegarei em seus ramos. Sejam os teus seios como os cachos da vide, e o aroma da tua respiração, como o das maçãs. Os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes. Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim. Vem, ó meu amado, saiamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas; vejamos se florescem as vides, se se abre a flor, se já brotam as romeiras; dar-te-ei ali o meu amor. As mandrágoras exalam o seu perfume, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu tos reservei, ó meu amado.

É evidente a gigantesca dimensão da sexualidade humana nas duas últimas passagens destacadas, mas Calvani (2010, p. 129) destaca algo bastante curioso na descrição que o jovem faz de sua amada:

A despeito de sua linguagem clara, todas as traduções em português suavizam certos substantivos. Observemos, por exemplo, que ao descrever o corpo de sua amada, o jovem segue uma lógica muito clara: ele inicia de baixo para cima, dos pés à cabeça: começando pelos pés, fala dos quadris, cintura, seios, pescoço, cabeça e cabelos. O movimento é sempre ascendente. Parece haver, porém, um “umbigo” fora do lugar nesse corpo. A palavra hebraica é ‘sarr’, objeto de muitas discussões entre tradutores. De fato, pode ser traduzido como ‘umbigo’ algumas vezes ou ‘centro do corpo’. Delitzsch¹ optava por ‘centro do corpo’. Carr², porém, observa que a segunda cláusula refere-se ao ventre que é, mais corretamente, o ‘centro’. O fato de essa unidade mais longa (v.1-9) não usar paralelismos com sinônimos, sugere que tampouco aqui se intencionou usar paralelismos. É mais provável, pois, que a palavra hebraica deveria ser traduzida por ‘vulva’, ‘vagina’ ou algum termo mais apropriado. Os tradutores da Bíblia Pastoral deram-se conta desse fato e, mesmo optando pelo ‘umbigo’, colocaram reticências após a expressão, sugerindo algo ainda por ser dito (*‘seu umbigo... essa taça redonda onde o vinho nunca falta’*). De fato, tudo no texto, sugere que o jovem está se referindo aos órgãos genitais da amada. Naturalmente, é muito difícil encontrar substantivos precisos para descrever certas partes do corpo sem que a linguagem possa ser considerada vulgar pelos leitores. Por isso talvez, ‘umbigo’ possa ser aceitável, desde que

¹ DELITTSCH, F. *The Song of Songs and Ecclesiastes*. London: London Press, 1891, p. 123.

² EATON, M. & CARR, G. Lloyd. *Ecclesiastes e Cantares – introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 315.

compreendamos que o ‘umbigo’ em questão, ‘é mais embaixo’.

É muito interessante observar que após tantos elogios, a jovem afirma a reciprocidade do seu amor, como bem observa Calvani (2010, p. 130) e tomando a iniciativa convida o jovem a um encontro amoroso à noite, nos campos. Salientamos que a educação puritana condicionou as mulheres a jamais manifestarem seus desejos eróticos e muito menos tomar iniciativas sexuais, mas no texto bíblico em destaque a mulher se afirma como agente na iniciativa sexual.

Calvani prossegue:

É nesse contexto de jogos de amor, ‘cantadas’, elogios e provocações eróticas que se desenvolve o Cântico dos Cânticos, exaltando o corpo e a sexualidade, sem vinculá-la necessariamente à procriação e ao casamento. De fato, biblicamente falando, a criação primária de Deus é o corpo e a sexualidade.

Cântico dos Cânticos 8:6-7:

Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas. As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.

Finaliza-se esta sessão com esses dois versículos que demonstram a força do amor, demonstrado ao longo de todo o livro do Cântico dos Cânticos como expressão do encanto ao corpo em extensa e profunda sexualidade prazerosa e livre de qualquer tipo de censura religiosa. Esse livro precisa ser redescoberto nas igrejas sem as reservas interpretativas que geralmente o “aprisionam”.

Talvez isso cause incômodo aos ‘guardas da cidade’, eternos vigilantes da moral e do que os outros fazem com seus próprios corpos. Mas ainda que a repressão continue, vale a pena seguir o fogo do amor e experimentar na pele todo o prazer que o corpo pode nos proporcionar e que é sugerido com palavras tão intensas pelos personagens do texto bíblico (CALVANI, 2010, p. 131).

Não há dúvidas que a herança platônica (a mesma que influenciou a teologia do apóstolo Paulo), associada à herança maniqueísta que moldou o

pensamento de muitos teólogos patrísticos, bem como à rigorosa moral puritana tenham acarretado vários problemas de ordem sexual para as pessoas, pois nos tornamos tão obsoletos nesta temática no contexto protestante de forma que muitos venham a se assustar ao perceber que a Bíblia trata o corpo e a sexualidade com tamanha naturalidade, nos revelando que ainda há repressões doentias em nós em relação à sexualidade.

Calvani (2010, p. 131) afirma que precisa haver libertação sexual dentro do discurso cristão, pois muito se fala de libertação social, política e econômica, mas nos calam quando o assunto é corporeidade e sexualidade no contexto protestante brasileiro. A repressão se assemelha à morte na tentativa de reprimir, apagar, aniquilar ainda mais o corpo, criação de Deus. Entretanto, o corpo, a sexualidade, o amor são poderes vitais e nada pode detê-los, pois “são tão fortes quanto a morte”, e como tal, estão totalmente sujeitos ao todo poderoso Deus.

3.5 O EROTISMO METAFÓRICO NO NOVO TESTAMENTO

Além do livro Cântico dos Cânticos, a linguagem erótica circunda também grande parte do novo Testamento nas metáforas que apresentam a Igreja como noiva e Jesus como noivo:

Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o *noivo* está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o *noivo*, e nesses dias hão de jejuar (Mateus 9.15).

Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor. O que tem a *noiva* é o *noivo*; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim. Convém que ele cresça e que eu diminua (João 3:28-30).

“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como *noiva* adornada para o seu *esposo*” (Apocalipse 21.2).

Observa-se que o relacionamento de Cristo para com os seus é

comparado ao envolvimento amoroso de um noivo para com a sua noiva, tamanha é a força do amor erótico existente entre seres humanos. De fato, esse erotismo está inerente ao ser humano, pois fomos criados desde o princípio com corpo e conseqüentemente sexualidade.

Em alguns momentos a sexualidade também é abordada e tratada no Novo Testamento, mesmo não sendo o seu foco central. Destaca-se o tratamento dado por Jesus à prostituição feminina:

Lucas 7:36-50:

Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me desta água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiu a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

No texto supracitado Jesus não se deteve a focar nos pecados da mulher, em seu rótulo social de “pecadora” pelo qual era conhecida (mesmo que possivelmente fosse de uma vida pregressa), mas se deteve em evidenciar a fé da mulher que era ignorada pelos fariseus moralistas, ou seja, bem diferente da realidade atual, em que as igrejas, normalmente, focam meramente no pecado das pessoas, principalmente se forem de origem sexual.

João 8:3-11:

Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

No episódio acima, a postura de Jesus é semelhante ao destacado anteriormente, pois a ênfase não foi dada ao pecado que certamente condenaria aquela mulher à morte, mas no fato de todos, inclusive os seus condenadores, serem igualmente pecadores, o que impossibilita a condenação.

Em suma, observa-se que a sexualidade e o erotismo estão amplamente presentes nos Escritos Bíblicos, pois a Bíblia, é sim, um livro sexuado, e retrata a história do cotidiano de homens e mulheres, jovens e crianças, prostitutas e prostitutos, adúlteros e adúlteras. Vergara (2010, p. 144) nos incentiva a lermos as Escrituras Sagradas sempre nos perguntando sobre a sexualidade humana contida naquele texto para que possamos fazer grandes descobertas de forma que nossos preconceitos no campo da sexualidade possam começar a serem desconstruídos.

4 AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO E DA SEXUALIDADE NA PEDAGOGIA SEXUAL DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

O corpo e a sexualidade são formadores de visões e interpretações diversas por parte dos indivíduos em geral desde o princípio do Cristianismo, culminando até o tempo presente e, certamente, se estenderá ao futuro. Buscam-se suas representações sociais no intuito de obter sentido, razão, normas, que de certa forma tragam significado para aqueles que se propõem a analisá-los. Obviamente que toda essa plataforma de significados desenvolvidos ao longo da história influenciaram e influenciam o meio religioso, e aqui, destaca-se o meio religioso cristão, mais especificamente o Protestantismo Brasileiro. Todavia, o que se entende por Protestantismo Brasileiro?

Segundo os pesquisadores Boanerges Ribeiro (1979) e Antônio Gouvêa Mendonça (1995), o Protestantismo Brasileiro em suas origens históricas provem do Protestantismo de Imigração, cuja base são imigrantes alemães e ingleses de confissão luterana e anglicana que se concentraram predominantemente nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. E, também, do Protestantismo de matriz puritana, de missões, de conversões, que abrange os presbiterianos, metodistas, congregacionais, batistas, etc. Segundo esses pesquisadores os formadores do Protestantismo Brasileiro são as denominações formadas pelo chamado Protestantismo histórico: luteranos, presbiterianos, anglicanos, congregacionais, batistas, etc (GOMES, 2017, p. 53).

É importante salientar que o catolicismo-romano foi a religião oficial do Estado Brasileiro até a proclamação da República e a promulgação da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891). A partir disso, com o novo *status* dado às religiões não-católicas no Brasil, o catolicismo foi perdendo a sua força e a partir do início do século XIX, mas principalmente da sua segunda metade em diante o catolicismo perdeu grande parte dos seus fiéis para o protestantismo histórico (PIERUCCI, 2004, p. 15).

No entanto, no início do século XX esse Protestantismo ganha novos grupos com o advento do Pentecostalismo e em meados do século em questão surge o Neopentecostalismo, como dissidência do Pentecostalismo.

Segue-se neste estudo o entendimento de Pierre Bastian (1994) e Willian Read (1970), que consideram que o termo Protestantismo Brasileiro deve ser bem abrangente para englobar pentecostais e neopentecostais, uma vez que considera que todos são provenientes da mesma matriz: o Protestantismo puritano norte-americano.

4.1 SEXUALIDADE EVANGÉLICA E SUA MORAL

No dia-a-dia das igrejas cristãs e de comunidades seculares, encontramos uma série de normas e sanções com respeito ao sexo, que o colocam como responsável pelos maiores pecados, pelos pecados principais e, muitas vezes, únicos. Esse tipo de tratamento, dominado pela tradição, foge das Escrituras, embora esta esteja, até inconscientemente, manipulada nas justificativas (CAVALCANTI, 2005, p. 44)

Essas igrejas encontram suas bases, no que tange à sexualidade, em um contexto arcaico baseado em um sistema completamente patriarcal fruto de uma análise atemporal e carente de uma hermenêutica plausível do Antigo Testamento; onde a figura masculina exerce o papel fundamental no estabelecimento de uma nação forte e organizada, concedendo-lhes direitos e privilégios em relação às mulheres. No período que compreende o Antigo Testamento era comum a poligamia poligínica (um marido e várias esposas) entre os judeus, sendo praticada por séculos, tendo reduzido a sua incidência no período pós-exílio da Babilônia, período este que o posicionamento das escolas rabínicas era contrário à prática. Entretanto, a prática não foi completamente suprimida nem na época de Jesus nem na *diáspora* - período que compreende a dispersão geográfica dos cristãos devido a perseguição religiosa dos romanos – persistindo residualmente até os nossos dias (CAVALCANTI, 1992, p. 82).

A partir dessa cosmovisão a sexualidade e a moral evangélica tendem a se posicionar intrinsecamente de forma machista, deixando a mulher sempre em segundo plano, como mero coadjuvante de um filme em que a figura masculina se apresenta como ator principal. Entretanto é bom lembrar que na

Bíblia a identidade sexual é inerente ao ser.

Gomes (2017, p.69) aborda essa temática da seguinte forma:

Em 'Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus abençoou, e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.' (Gênesis 1.27-28). Nesta narrativa da criação, quando criou o homem à sua imagem, Deus criou macho e fêmea. Esta expressão se refere à identidade do homem e da mulher, e, como observa João Calvino, a identidade sexual é o primeiro elemento abençoado por Deus quando das obras da criação. Sexo, portanto, não é o ato sexual. Não se refere ao que o sujeito faz ou deixa de fazer na cama. Sexo é a própria identidade do sujeito. Não é o que a pessoa faz – é o que a pessoa é.

Quando essa leitura e interpretação não é feita retornamos a estaca zero e o homem é apresentado como o único provedor do lar, o cabeça da família a quem a mulher deve obediência e subordinação, em uma evidente cosmovisão alheia às transformações impostas à família a partir das mudanças do mercado de trabalho e da substituição no mundo globalizado da ética do trabalho pela ética do consumo.

O espaço privado é colocado como ambiente natural do sexo feminino, em contraste com o ambiente público dominado pelo sexo masculino. Se em épocas passadas a unidade doméstica constituía a área produtiva das sociedades, a separação histórica entre lar e local de trabalho se deu concomitantemente às transformações no processo de produção, levando à perda de importância de papel econômico da família. Assim, a produção fora de casa tornou-se sinônimo de trabalho e as atividades realizadas no âmbito do lar passaram a ser consideradas como prolongamentos naturais das características específicas do sexo feminino (MANTEGA, 1979, p. 71).

O livro *Casamento Blindado*, evidencia perfeitamente essa falta de atualização da cosmovisão do sexo feminino na esfera social. A obra reforça a ideia da vida privada como o ambiente natural da mulher:

Uma coisa é você ter direitos iguais; outra coisa é querer cumprir papéis iguais. Homem e mulher sempre tiveram direitos iguais aos olhos de Deus, já que Ele não criou um melhor do que o outro. Mas os papéis que lhe foram designados são bem diferentes. O problema começa quando a mulher quer cumprir o papel do homem no casamento e na família (CARDOSO, 2012,

p. 139).

Neste interim, o autor prossegue revelando a sua concepção de papel do homem registrado em seu próprio DNA:

Considere uma agravante: o homem foi designado o provedor da família. Quer dizer, não há como ele fugir dessa maldição. Ele tem que trabalhar, e trabalhar para tirar o sustento de uma terra que se tornou inimiga dele. A pressão de sustentar a família, de ser o caçador, de não deixar a família passar necessidade, faz o homem cobrar de si mesmo o resultado do seu trabalho. É uma questão de honra, de orgulho próprio, de satisfação aos pais da esposa, e até mesmo de senso de valor próprio. Este impulso de querer provar o próprio valor através do trabalho e de suas conquistas está no DNA do homem (CARDOSO, 2012, p. 96).

No livro *O Ato Conjugal* se reforça, também, a posição meramente passiva do sexo feminino com as seguintes orientações para as mulheres:

Deus determinou que o homem fosse o agressor, o provedor, e o chefe da família. Por alguma razão, isto está ligado ao seu impulso sexual. A mulher que desgosta do impulso sexual do marido, embora admire sua liderança agressiva, faria bem se encarasse o fato de que não pode haver um sem o outro. A velha tolice puritanística de que “uma dama nunca dá a entender que aprecia o sexo” está em franco conflito com a necessidade do cavalheiro de saber que sua esposa aprecia totalmente seus carinhos. Os conceitos da era vitoriana não parecem fazer distinção entre as proibições pré-conjugais e os tabus que cercavam o sexo no casamento. Naturalmente, uma mulher cristã equilibrada não fará alarde de sua apreciação do sexo; isso é um assunto inteiramente pessoal. Há muitas mulheres inseguras, que parecem acreditar que devem parecer “sexy” em público. Isso é uma distorção do instinto sexual. Uma mulher verdadeiramente segura de si deve reservar seus atrativos sexuais e satisfação apenas para o marido. Isso lhe proporciona grande satisfação. Aliás, quando ele sabe que a união foi apreciada por ambos, isso torna seu prazer sexual mais pleno. Uma mulher inteligente e atenciosa fará todo o possível para demonstrar ao marido que ele é um grande parceiro no amor e que ela aprecia suas relações sexuais (LAHAYE, 1989 p. 30).

Gomes (2017, p. 70) afirma que na obra supracitada a mulher é referenciada apenas ao lar, como boas donas de casa, mães de família, aquelas mulheres que devem viver apenas em função de seus maridos e colocar a sua sexualidade com o objetivo de manter o lar funcionando. O homem deve receber todo o prazer sexual da mulher. Não se faz referências ao comprometimento do homem com o bem-estar e o prazer da esposa. Só resta à esposa oferecer seu corpo em sacrifício no altar do leito conjugal pelo

bem-estar da família. A mulher é um objeto de desejo do marido. O fracasso do homem no leito conjugal é atribuído apenas à mulher e além disso, a autoestima, o autoconceito e mesmo o amor próprio da mulher parece estar condicionado à satisfação sexual do marido.

A pedagogia sexual do Protestantismo Brasileiro sofre grande influência do Protestantismo puritano norte-americano e neste caso, a sexologia é direcionada por espécies de “gurus espirituais”, pastores, conselheiros, o que lhes concede uma aura de especialistas em sexualidade humana. Por serem “guias espirituais”, também são considerados como sexólogos acima de qualquer suspeita, portadores de poderes capazes de resolver os problemas sexuais humanos.

A Pedagogia sexual do Protestantismo brasileiro reproduz as formas apresentadas pela sexualidade da norma, sem nenhum referencial à identidade do sujeito e sem nenhuma referência ao prazer. Trata-se, na verdade, de uma sexualidade ascética, cujo objetivo central é a funcionalidade do matrimônio para a geração de filhos e a produção de força de trabalho. A dimensão do corpo, nesta expressão sexual, é aquela da máquina que deve funcionar apenas para atingir os objetivos propostos, sem nenhuma consideração pela liberdade, autodeterminação e criatividade do sujeito envolvido. O corpo é tratado como um objeto que não tem existência em si mesmo e que deve funcionar a partir de princípios externos alheios ao sujeito (GOMES, 2017, p. 71)

Gomes (2006, p.25) afirma que a ambiguidade nas ciências médicas e psicológicas, que atua ora como meio de libertação da sexualidade e ora como agente de repressão, pode ser percebido também na pedagogia sexual evangélica, acrescido de outros fatores próprios do protestantismo puritano.

Já vimos, anteriormente, a maneira pela qual o sexólogo pontifica lugares-comuns cuja importância acaba por depender exatamente do título de quem pronuncia, isto é, a(o) ‘especialista’ transforma-se numa espécie de tribunal de última instância, pronto a distinguir o bem do mal, o certo do errado. Neste sentido, todas estas ciências fornecem um material altamente sofisticado de mistificação social e reprodução de valores tradicionais (MANTEGA, 1979, p. 80).

Gomes (2017, p. 54) discorre sobre a influência que o Protestantismo puritano norte-americano exerce sobre o Protestantismo Brasileiro:

O modelo cultural dos Estados Unidos, o *the way of life* torna-se o paradigma do ideal a ser atingido pelo crente (como é conhecido o protestante no Brasil) e produz, como consequência, aqueles comportamentos estereotipados, como, por exemplo, a ética da via negativa – quando o crente se torna conhecido exatamente pela lista de coisas que não faz e nem pode fazer: não bebe, não fuma, não dança, não joga etc. É o ódio e a rejeição, quase que absoluta, a todas as expressões da cultura brasileira, como observado por Antônio Mendonça e Prócoro Velasques Filho (1990). É a total condenação de toda e qualquer expressão corporal nos cultos e fora destes e, particularmente, o anátema daqueles aspectos ligados ao corpo e à sexualidade brasileira, como a sensualidade, o erotismo, o chamego e o xodó.

Essa perspectiva comportamental nos remete à parte da teologia paulina que lida com o corpo apenas como caído, falho, pecaminoso, sem abranger a sua totalidade como expressão da graça de Deus, que torna o corpo sagrado, divino, morada de Deus. No entanto, a consequência natural da representação do corpo como pecaminoso é a sexualização do pecado, que nos levar a crer que a sexualidade é a única expressão de transgressão que restou ao Protestantismo, ou seja, o único pecado que merece punição por parte das igrejas.

A localização do pecado (ou alienação) no corpo humano, mais especialmente no prazer sexual, vem do empobrecimento do conceito de que concupiscência significa o desejo de possuir a realidade toda para si. É a perda (alienação) de mim mesmo (portanto, de meu corpo) na busca da posse do que não me pertence. Esse desejo de perdição (pois me anulo, afinal, no todo) refere-se à realidade toda e não apenas a uma parte dela (MARASCHIN, 1985, p. 201).

Consequentemente, com tal posição das igrejas, não é de se surpreender que ainda hoje, com todo o avanço científico, com todas as informações disponíveis, a ignorância sexual seja generalizada, particularmente em nosso país, em todas as classes sociais e níveis de escolaridade, que se perpetua pela falta de educação sexual das crianças e jovens.

Muraro (1985) constata que pelas pesquisas realizadas é alto o grau de insatisfação sexual entre as mulheres brasileiras: a instrumentalidade corporal das camponesas; o desgaste e as fantasias das operárias; a insegurança e os bloqueios da classe média. Subsiste em nosso país o machismo com os condicionamentos negativos adquiridos nos prostíbulos, e ambiguidade simbólica entre as “Marias” e as “Evas”, as “esposas” e as “amantes”, com as

próprias mulheres assumindo dualismo desses papéis de forma excludente, incapazes de uma síntese, mascaradas pela subvalorização da sexualidade ou a descrença do científico.

Cavalcante (1992, p. 25) afirma que em nossos dias, em se tratando de sexualidade, a posição das igrejas, no geral, é baseada no paganismo, no medievalismo e na moral pequeno-burguesa, com uma roupagem e uma linguagem pretensamente bíblicas. A Bíblia é “lida” por uma ótica cultural, ao qual o resultado ideológico se torna posição oficial, sendo imposto coercitivamente aos fiéis pelos mecanismos institucionais. Uma ótica particular apresenta-se colada ao próprio texto bíblico, como se fosse uma mensagem revelada natural e direta.

O Protestantismo, via de regra, reconhece a Bíblia como a Palavra de Deus, isto é, a revelação dos atos divinos na história de forma seletiva, suficiente para dar ao cristão os conhecimentos necessários sobre Deus e sobre os meios de graça para a salvação. A elevação das Sagradas Escrituras à condição de manual de sexualidade humana para que não se coaduna com a intenção de seus autores, considerados órgãos da revelação especial de Deus e, portanto, preocupados em apontar os atos de Deus na história para a salvação do homem. Porquanto alguns livros sagrados tratem explicitamente do erotismo, como é o caso dos *Cânticos dos Cânticos* de Salomão, as Sagradas Letras não se apresentam como compêndio de psicopatologia sexual, como fazem pensar algumas obras citadas anteriormente. A Bíblia não é um manual de instrução para a solução de problemas sexuais humanos, pois no âmbito do Cristianismo, a ética sexual se limita, no mais das vezes, a explicitar aquilo que não se deve praticar nas relações no contexto da ética sexual da cultura judaico-cristã. Firmados na ética da via negativa, isto é, apenas naquilo que não se deve praticar, os manuais de pedagogia sexual publicados no Brasil excluem todas as formas de manifestações corporais: o vestuário, a dança, a prática de esportes, o teatro, a coreografia nos cultos etc (GOMES, 2017, p. 72).

Vale ressaltar que mesmo a Bíblia não se apresentando como manual de instrução para solução de problemas sexuais humanos, a mesma não se isenta de usar o erotismo abertamente em seu contexto literário.

4.2 A INFLUÊNCIA DA REFORMA DE MARTINHO LUTERO NO MATRIMÔNIO

Para Lutero o matrimônio é incondicionalmente valorizado, pois mulher e homem fazem parte da boa criação de Deus. Crescer e multiplicar-se é obra divina e a natureza implantada no ser humano, sua sexualidade, é mais importante do que comer e beber, do que dormir e acordar. O reformador se contrapõe ao negativismo corporal-sexual defendido pelo dualismo grego (matéria má vs alma boa) e aborda a vida matrimonial, mas não trata das relações sexuais entre os parceiros, talvez em virtude do peso das tradições altamente conservadoras em relação ao tema (CAVALCANTI, 1992, p. 23).

Lutero se volta contra a desvalorização do matrimônio e valoriza a paternidade e a maternidade responsáveis, pois considera o cuidado ao “filho da prostituta” mais importante que a vida monástica celibatária. E afirma que o matrimônio é a arma contra a prostituição e a incastidade, devendo ocorrer bastante cedo (LUTERO, 1995, l. 3190).

Lutero aborda a temática do matrimônio em um sermão dividido em três partes e na primeira parte discorre sobre a importância das pessoas aspirarem ao casamento e se utiliza da narrativa do Gênesis para fundamentar sua argumentação:

Depois de haver criado homem e mulher, ele os abençoou e disse: ‘Crescei e multiplicai-vos’ (Gênesis 1.28). Esse versículo nos dá a certeza de que homem e mulher se devem unir, para se multiplicarem, visto que para isso Deus concede sua benção e faz algo além da criação. Pois a palavra de Deus ‘crescei e multiplicai-vos’ não é um mandamento, é uma obra divina que não nos compete impedir ou abandonar. É tão necessária como o fato de eu ser homem, mais necessária do que comer e beber, purgar e excrementar, dormir e vigiar. É uma natureza e espécie implantada da mesma forma como os membros correspondentes. Portanto, assim como Deus não ordena a ninguém que seja homem ou mulher, mas os cria como homem ou mulher, assim também não ordena que se multipliquem, mas cria as coisas de tal maneira que eles têm que se multiplicar. E mesmo que se queira impedi-lo, isso se revela impossível, e toma seu curso através de fornicação, adultério e masturbação, pois trata-se de algo da natureza e não da livre vontade (LUTERO, 1995, l. 3234).

Com base no texto de Mateus 19:12 há aqueles que Deus excetuou de contraírem o matrimônio, tão valorizado por Lutero: a) os castrados natos,

impotentes sexuais desde o ventre da mãe; b) os castrador por mãos humanas, os eunucos; c) aqueles que mesmo aptos para o casamento, receberam do próprio Deus o “dom” do celibato e optam espontaneamente por permanecerem solteiros., e estende até mesmo aqueles que fizeram o voto de castidade dentro e fora do convento a reavaliarem tal condição:

Se quiseres fazer um voto sábio, jura que não irás morder teu nariz. Isso podes cumprir. No entanto, uma vez feito o voto, lembra-te do que foi dito anteriormente; examina a tua situação e te enquadras em uma das três categorias que Deus excetuou. Caso sintas que não te enquadras em nenhuma delas, esquece votos e convento e junta-se sem demora com teu companheiro natural e casa. Pois teu voto contraria a Deus e de nada vale. Dize: Prometi algo de que não disponho e que não é meu (LUTERO, 1995, l. 3364)

O reformador prossegue se posicionando contra à busca da castidade como ideal cristão de santidade e discorre que a abstinência sexual limitada é possível, mas não deve ser regulamentada, pois o celibato e o matrimônio possuem o mesmo valor diante de Deus: a freira não leva vantagem sobre a mulher casada. O verdadeiro estado espiritual é o matrimônio. O celibato sacerdotal, no entanto, não pode ser comprovado com a Escritura. Sacerdócio e matrimônio podem ser conciliados, logo, o celibato obrigatório é desumano e conduz ao pecado, já as necessidades sexuais conduzem ao casamento (LUTERO 1995, l. 3718).

Lutero ressalta que o matrimônio é algo intrínseco do ser humano (em sua esmagadora maioria) e discorre que alguns se casam por dinheiro e bens, mas grande parte se casa por paixão na busca de prazer e satisfação, e outros ainda no intuito de gerar herdeiros. Ele tem a opinião de que a natureza humana busca a fecundação e multiplicação e Deus não quer isso fora do casamento, logo, por causa dessa necessidade, todos devem procurar o matrimônio se quiserem viver de boa consciência e orientar-se em Deus. A defesa em prol do matrimônio chega ao nível de entendimento de que o estado matrimonial não é apenas de proveito para o corpo, o bem, a honra e a alma do indivíduo, mas também para cidades e países inteiros, visto que ficam preservados das pragas de Deus, pois é sabido que as mais cruéis pragas assolaram países e povos em consequência do meretrício (LUTERO, 1995, l. 3624).

De fato, é absolutamente revolucionário o ensinamento de Lutero concernente ao matrimônio e a virgindade em contraste com a vida monástica de sua época que influenciava quase que absolutamente os cristãos. Seu discurso se contrapõe ao mais influente discurso em seu contexto religioso contrariando até mesmo, e principalmente, o Papa. Sim, o matrimônio é altamente exaltado pelo reformador, mas existe, também, em seu discurso a valorização do estado de virgindade, pois tanto ambos são abençoados e honrados por Deus:

Até aqui ouvimos suficientes elogios ao estado matrimonial. Agora queremos também proclamar suas adversidades e honrar a virgindade. E não fosse S. Paulo, seria simplesmente aborrecedor o fato de conceder louvor tão escasso e honra tão minguada à virgindade. Em primeiro lugar diz que a virgindade não é ordenada por Deus tão pouco quanto o estado matrimonial. Isso significa que deve estar na livre decisão de cada um. Com isso, porém, lhe tira toda a honra que até agora lhe está sendo atribuída por todos os grandes pregadores. Pois onde não há mandamento, também não há mérito ou recompensa diante de Deus, mas é assunto livre em si [...]. Pois perante Deus tudo tem o mesmo valor e não há distinção da pessoa nem mérito de obras, mas somente a mesma fé em todos e por meio de todos. A virgindade é algo precioso e nobre e de alta estima na terra. Mas o Espírito Santo disse essas coisas por meio de S. Paulo para que, por causa da nobreza e grandeza desse estado, ninguém se julgue melhor ou superior diante de Deus do que um cristão comum, mas permaneça na singeleza da fé, que a todos nós torna iguais diante de Deus. Pois a natureza venenosa sempre tenta ser algo perante Deus por meio de obras, e quanto mais elevada a obra, mais quer ser. Por isso está tão obcecada pelo suave brilho da virgindade, porque não há obra maior ou mais bela na terra, de modo que não conhece estado mais elevado perante Deus do que a virgindade e acha que, assim como na terra uma virgem vale muito mais do que uma mulher casada, assim haveria que ser também no céu. E aí vem os loucos mestres do diabo que forjam coroazinhas especiais para as freiras no céu e fazem delas noivas de Cristo, como se outros cristãos não fossem noivas de Cristo (LUTERO, 1995, I. 4580).

Mais uma vez, Lutero se posiciona contrário ao consentimento cultural religioso da época ao abordar que os pais não devem forçar os filhos ao matrimônio nem impedi-los, e os filhos não devem contratar casamento sem o consentimento dos pais, obviamente seu objetivo não é meramente se posicionar contrariamente, mas buscar ser o mais lógico e coerente possível naquilo que ele acreditava ser um bom entendimento bíblico.

Impedir ou coibir um casamento é coisa bem diferente do que obrigar ao casamento ou insistir nele. Embora os pais tivessem direito e poder de coibir o casamento, não se segue disso que também tivessem o poder de obrigar a ele. Pois é mais tolerável que o amor entre duas pessoas seja separado e impedido do que juntar à força duas pessoas que não têm afeição uma à outra, porque no primeiro caso o sofrimento dura pouco tempo, enquanto no segundo caso é de se temer um inferno eterno e a infelicidade para toda a vida. Ora, S. Paulo diz em 1 Coríntios 16 que a autoridade do Evangelho e governar as almas, não foi dada por Deus para destruição, mas para edificação. Quanto menos a autoridade dos pais ou qualquer outra autoridade poderia ter sido dada para a destruição e não, muito antes, exclusivamente para a edificação? Por isso é evidente que a autoridade paterna tem um objetivo e limite o qual não pode ultrapassar. Ela jamais pode prejudicar ou destruir o filho, especialmente sua alma. Quando, pois, um pai coage o filho a um casamento onde não sente vontade nem amor, aí ele ultrapassa seus limites e vai além de sua autoridade, e o pai se transforma em tirano que não usa sua autoridade para o melhor, para o que lhe foi dada por Deus, mas para o pior, usurpando-a de Deus para si mesmo, sim, contra Deus[...]. Do ponto de vista cristão as coisas devem correr de tal forma que ambas as partes estejam de acordo e cientes: que o pai não entregue o filho em casamento sem a vontade e ciência do filho (como está escrito em Gênesis 24.57 que primeiro se perguntou a Rebeca e que ela concedeu seu pleno consentimento em tornar-se a mulher de Isaque). Por outro lado, também o filho não deve comprometer-se em a ciência e o consentimento do pai (LUTERO, 1995, l. 4786; 4873).

Conclui-se esta sessão com os dizeres de Piper (2009, p.271) que afirma que os ensinamentos do Reformador Alemão sobre o matrimônio (e sua decisão de contraí-lo) impactaram não somente a Alemanha, mas também todo o mundo evangélico até os dias de hoje, entretanto, ainda são pouco conhecidos pelas pessoas. Fica o questionamento se este impacto foi positivo ou negativo, pois as opiniões certamente se divergem. Entretanto, afirma-se com autoridade que o matrimônio no meio cristão tomou novos rumos a partir da sua ética e abordagem do assunto.

4.3 O SEXO COMO VIRTUDE

Como fora citado na sessão anterior, Lutero aborda exaustivamente a vida matrimonial, mas não trata das relações sexuais entre os parceiros, talvez em virtude do peso das tradições altamente conservadoras em relação ao tema (CAVALCANTI, 1992, p. 23).

E de fato o peso das tradições conservadoras influenciaram o reformador quanto ao pessimismo sexual como pode-se observar no trecho a seguir:

Com todo esse louvor à vida matrimonial, porém, não quero ter feito a concessão à natureza como se ali não existisse pecador. Pelo contrário, afirmo que carne e sangue, corrompidos por Adão, são gerados e nascidos em pecado, como reza o Salmo 51.5. Afirmo ainda que nenhuma relação sexual no matrimônio é isenta de pecado. No entanto, Deus o desconsidera por graça, porque a ordem matrimonial é sua obra, e, inclusive em meio e através do pecado, preserva todas as coisas boas que nele implantou e para as quais concedeu sua benção (LUTERO, 1995 l. 3695).

Piper (2009, p. 300) entende que há muita divergência em relação à interpretação dessa afirmação e relata que alguns autores defendem que Lutero afirma nesse texto que o pecado está ligado ao ato sexual, mas o casamento é matriz para a redenção do sexo, ou seja, que por meio do casamento o sexo se torna um bem moral, uma expressão da vontade de Deus.

Novamente recorre-se ao livro de Gênesis para demonstrar a narrativa da criação: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou, e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”. (Genesis 1:27-28).

Gomes (2017, p. 69) afirma que:

Nesta narrativa da criação, quando criou o homem à Sua imagem, Deus criou macho e fêmea. Esta expressão se refere a identidade do homem e da mulher, e, como observa João Calvino, a identidade sexual é o primeiro elemento abençoado por Deus quando das obras da criação. Sexo, portanto, não é o ato sexual. Não se refere ao que o sujeito faz ou deixa de fazer na cama. Sexo é a própria identidade do sujeito. Não é o que a pessoa faz – é o que a pessoa é!

Neste sentido amplo, considera-se o ser humano como um ser eminentemente sexual, e sexual toda interação social. A sexualidade aqui tem dimensão neutra, como condição básica do ser em uma relação indissociável corpo-espírito em uma expressão simbólica por gestos, atitudes, palavras, que são expressas pelo corpo, pois o espírito não tem cordas vocais nem ergue os braços, mas o corpo se torna o objeto palpável da sexualidade que está inerente ao ato de existir do ser humano,

Scorer (1966, p. 22) sintetiza o modo das Escrituras encararem o sexo:

Todas as evidências indiretas que há na Bíblia parecem sugerir que o relacionamento estabelecido entre os sexos era considerado correto e natural. Era um importante aspecto da vida pessoal de homens e mulheres.

Não foi acidentalmente que fomos criados homens e mulheres. Somos machos ou fêmeas toda a nossa vida, e sexual é todo o relacionamento humano. A união física é apenas um tipo – o mais pleno – de relacionamento sexual. Da conformação do nosso físico às reações de nossa mente, somos homens ou mulheres, e não se pode abstrair tais características em nossos contatos sociais. No convívio do mesmo sexo prevalece o princípio da identidade, e afirmamos nossas características; com os de outro sexo, nos completamos. Você já se aceitou como um ser integral, com corpo. Aceite-se agora como um ser sexual, e ore: Obrigado, Senhor, pelo sexo! (CAVALCANTI, 2005, p. 44)

4.4 SEXUALIDADE E SALVAÇÃO

Sexualidade é uma força de encontro, de comunhão e criatividade que domina sobre todo indivíduo que é possuidor de todas as dimensões da condição humana. Mesmo fora de qualquer atividade genital, o ser humano é totalmente sexuado em tudo o que faz e em tudo o que é. A sexualidade é um chamado, um desejo do outro para comunicar, intercambiar, comungar, não isentando a dimensão procriativa, mas dando-lhe sentido (PINTO, 2007, p. 234).

A fé e a tradição cristã nos apresentam Jesus Cristo como nosso salvador,

como mediador da nossa salvação, de forma que sua vida, gestos e atitudes, o anúncio das Boas Novas de salvação e, conseqüentemente, sua morte e ressurreição nos apresentam um caminho a seguir com efeitos de humanização e libertação, ou seja, salvíficos. Nosso processo de humanização passa pelo outro, pela aceitação.

Salvação é a manifestação do amor de Deus ao mundo e a todas as suas criaturas com manifestação desde a criação culminando na encarnação de Jesus, Seu Filho, que nos convida a sermos como Ele em um caminho a ser percorrido rumo à nossa própria humanização integral, tal como Cristo. Jesus feito carne-sexuada é nosso modelo, pois viveu intensamente seus sentimentos, desenvolveu amizades, sensibilizou-se com o outro, defendeu a causa do mais pobre, ou seja, se relacionou e viveu intensamente a sexualidade intrínseca ao ser humano. Quando conseguimos fazer o paralelo entre sexualidade e a essência do ser e existir, começamos a compreender a relação entre sexualidade e salvação.

Pinto (2007, p. 236) afirma:

Mais que nunca se faz necessário, como imperativo ético-teológico, resgatar a imagem bonita e humana da sexualidade que, vivida no amor e na amizade, possa confirmar, também hoje, a satisfação do Criador de que era muito bom conforme o relato de Gênesis 1:31.

Percebe-se que a temática do corpo e sexualidade, ainda que timidamente, tem aumentado nos contextos eclesiais e despertado certo interesse teológico, mesmo que de certa forma, como afirma Gomes (2017, p. 5) “aqueles que pesquisam tal assunto, normalmente são ligados às denominações protestantes e, por este motivo, dedicam suas pesquisas mais aos verbetes da enciclopédia do que à formulação de uma Teologia do corpo”. Entretanto, reafirmamos a importância do corpo na fé cristã e relembramos que o mesmo é morada do próprio Deus, logo, reforça-se a importância de superar a visão reducionista que nos levou a ver o corpo como uma coisa que temos. Em contraposição a esse pensamento reducionista afirma-se que não temos um corpo, mas o corpo é quem nós somos, sempre sexuado (FUCHS, 1980, p. 48).

Para Fuchs (1980, p. 39), Deus, ao criar a humanidade à sua imagem e semelhança, levou em conta a diferenciação sexual, ou seja, tal diferenciação tem alguma coisa a ver com a própria imagem do Criador. Logo, apoiada na autoridade de Cristo, a tradição cristã recupera o original sentido da sexualidade, querida por Deus, portanto, portadora de bondade e significado. A sexualidade exprime grande parte da nossa existência: aceitar e acolher o outro, lembrando da máxima do cristianismo ensinada pelo próprio Cristo: amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a nós mesmos, pois nisto se resume a lei e os profetas (conf. Mateus 22:37-40), ou seja, nisto se resume tudo. Não existe amor sem acolhimento, não existe acolhimento sem sexualidade. O exercício do amor, vivido em todas as suas diferentes formas e níveis é pedagógico, é um exercício de aprendizagem, é um preparar-se para amar o amor: Deus; e ao próximo: outro.

Nos evangelhos toda a prática de Jesus leva sempre ao encontro com o outro, com a irmã e o irmão, na sua cotidianidade, nas tribulações diárias, nas manifestações em que a vida é celebrada, nas situações de não-vida. Esse encontro só se torna possível pela mediação corpórea, lugar onde cada ser humano é presença no mundo, respondendo às interpelações que lhe são colocadas. O amor, mediatizado sempre pela sexualidade, encontra seu processo e técnica pedagógica para ser humanamente vivido na maneira de ser e de viver de Jesus de Nazaré. Jesus assumiu de tal maneira a sua dimensão corpórea, a sua afetividade-sexualidade, que ela se tornou horizonte de sentido que conduziu toda a sua prática libertadora. O corpo jamais foi relegado dualisticamente por Jesus a um plano inferior. Ele esteve atento à fome, à cegueira, à surdez, à deficiência dos paralíticos, à discriminação sentida na carne das crianças, dos doentes, das mulheres, dos estrangeiros. Jesus foi sensível à alegria, à dor, à festa e à morte. Celebrou, com comida e bebida, os eventos especiais que eram marcantes em sua cultura. Criou laços afetivos profundos. Divertiu-se em festas e chorou a morte do amigo. Passou pela experiência da solidão e do medo e chocou-se diante da certeza de sua morte. Enfim, todos os momentos e circunstâncias da vida que só podem ser vividos pela dimensão da nossa corporeidade não foram indiferentes a Jesus; ao contrário, foram por ele assumidos. Diante disso podemos afirmar que a sexualidade como força geradora da Vida é a pedagogia em que Deus se dá a conhecer e que possibilita o seu descobrimento (PINTO, 2007, p. 248).

A salvação, não está, portanto, relegada ao âmbito abstrato ou puramente espiritual. A sexualidade, tantas vezes mal interpretada e vista, é força integrante de todas as dimensões e potencialidades humanas, pois pela sexualidade todos os seres humanos são capazes de ver, olhar, sentir, tocar,

acariciar, amar... mas somente uma sexualidade humanizada capacita o ser humano a ver para além do mundo visível: capacita a ver além, a amar além: amando a Deus acima de tudo e ao outro como a nós mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silêncio impera sobre a temática do corpo e a sexualidade no protestantismo brasileiro. Pouquíssimas pesquisas foram publicas até hoje sobre este tema e as obras publicadas, em sua imensa maioria, são traduções de livros norte-americanos que não condizem em nada com a nossa realidade, antes são provenientes da vertente puritana do Protestantismo que tornam a sexualidade mecânica, isenta do prazer, do afago, da carícia, da poesia, na verdade, levam-na para bem próximo da pecaminosidade.

Percebe-se claramente a influência maniqueísta, do paganismo e do medievalismo que remonta desde os tempos de Santo Agostinho imperando com forte influência sobre as concepções de corpo e sexualidade nas igrejas protestantes brasileiras e o erotismo é visto basicamente como algo imoral e confuso, pois não se tem clara a essência real do corpo, que ora se apresenta como mau, decaído, pecaminoso, ora como morada de Deus, divino, parte do corpo de Cristo, nos escritos paulinos.

Aliado a uma visão conservadora carente de uma boa hermenêutica a sexualidade e a moral evangélica tendem a se posicionar intrinsecamente de forma machista, deixando a mulher sempre em segundo plano, como mero coadjuvante de um filme em que a figura masculina se apresenta como ator principal e o espaço privado é colocado como ambiente natural do sexo feminino, em contraste com o ambiente público dominado pelo sexo masculino.

Entretanto, Martinho Lutero iniciou na Reforma um posicionamento contrário ao predominante em sua época e passou a valorizar a mulher como parte da boa criação de Deus, e aborda timidamente a questão sexual entre os cônjuges. Mas ao fazermos uma análise honesta do livro do Cântico dos Cânticos somos libertos das amarras do conservadorismo e percebe-se que o corpo e a sexualidade encontram lugar na esfera divina e abençoada.

Por fim, é tempo de busca, em meio a tanta depreciação, negativismo e desconfiança, em meio a tantos tabus e sofrimentos, gerados por uma mentalidade dicotômica, o que há de bom e santo na corporeidade e sexualidade humana, vivendo humana e castamente a própria sexualidade,

trilhando um caminho possível de acolher a salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo, vivida em todos os níveis de relacionamentos possíveis.

O Verbo de Deus se fez carne/corpo, foi modelo de humanidade/sexualidade e caminho de salvação para o espírito e o corpo.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª Ed. Edição Almeida Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: SBB, 1977.

AGOSTINHO. *A cidade de Deus contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes em co-edição com a Federação Agostiniana Brasileira, 1990. Parte II.

_____. *Comentário de Gênesis*. Tradução: Vicente Rabanal e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2005. Volume 21.

_____. *Confissões. De Magistro, do Mestre*. Tradução: J. Oliveira e Ângelo Ricci. 4 ed. São Paulo: nova Cultura, 1987.

_____. *Dos bens do matrimônio. A Santa Virgindade. Dos bens da viuvez. Cartas a Proba e a Juliana*. Tradução: Vicente Rabanal e Nair de Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2000. Volume 16.

_____. *Enarratio in Psalmum 122*. Tradução para o inglês: Marry T. Clark. Nova York: Paulist Press, 1984.

ALVES, Maria da Piedade – *Metodologia Científica*. São Paulo: Hagnus, 1996.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da Religião*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BOEHLER, Genilma. “*Malditos Gozosos*” in *Uirá* no7. (Revista UBRAJE), São Paulo, 1988.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALVANI, Carlos Eduardo (org). *Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010

CALVINO, Juan. Institución de la religion Cristiana. Traducida y publicada por Cipriano de Valera em 1597 por Luis de Usos y Rio em 1859. Nueva edición revisada em 1967. Países Bajos: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967. Vol. I e II.

_____. *Comentário à Sagrada Escritura, Exposição de I Coríntios*. Tradução: Valter Graciano Martins. São Bernardo do Campo, SP: Paracletos, 1996.

CARDIM, Leandro Neves. *Corpo*. São Paulo: Globo, 2009.

CARDOSO, Renato e Cristiane. *Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e Sexualidade*. São Paulo: Temática Publicações, 1992.

_____. *Uma benção chamada sexo*. São Paulo, ABU Editora, 2005.

COMENIUS, João Amós – *Didática Magna*. BENEDETTI, Ivone Carvalho (trad.) – 1ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Santo Agostinho: um gênio intelectual a serviço da Fé*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

COTTRET, Bernard. *Calvin: A Biography*. Michigan: Grand Rapids, 2000.

DELITTSCH, F. *The Song of Songs and Ecclesiastes*. London: London Press, 1891.

DELUMEAU, Jean. *Le péche et la peur – La culpabilisation em Occident, XIII-XVIII siècles*. Paris: Fayard, 1983.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

EATON, Michael; CARR G. Lloyd. *Ecclesiastes e Cantares – introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. *As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro*. Revista de Estudos da Religião. N°,

2006, p.1-38.

_____. *O Corpo no Protestantismo*. São Paulo: Reflexão, 2017.

GONÇALVEZ, Humberto Maiztegui. *Uma abordagem teológico-antropológica da sexualidade na Bíblia*. In: CALVANI, Carlos Eduardo (org). *Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010

HENDRIKSEN, Willian. *Comentário do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Primeira Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LAHAYE, Tim e Beverly. *O Ato Conjugal: um manual completo para o casal cristão, orientação sexual equilibrada, clara e sem rodeios*. Belo Horizonte: Betânia, 1989.

LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 5. São Leopoldo: Sinodal, 1995. Arquivo Kindle.

_____. *Obras selecionadas*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARASCHIN, Jaci C. *Fragmentos das Harmonias e das dissonâncias do corpo*. In: *Religião e Psicologia*, São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 1985.

MCGRATH, Alister. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MURARO, Rose-Marie (org). *Sexualidade da Mulher Brasileira – Corpo e Classe Social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.

PAPINI, Giovanni. *A vida de Santo Agostinho*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Secularização e declínio do catolicismo*. SOUZA, B.

M.; MARTINO, L. M. S. (orgs). *Sociologia da Religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

PINTO, Maria Joaquina Fernandes. *Sexualidade e Salvação: realidades opostas?*. In: RUBIO, Alfonso García (org). *O Humano Integrado – abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIPER, John (org). *Sexo e Supremacia de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

POPE, M. H. *Song of Songs*. Anchor Bible: Doubleday, 1977.

SCORER, C. G. *The Bible and sex ethics today*. Chicago, Inter-Varsity Press, 1966.

TRIPP, David. *The Image of the body in the formative phases of the Protestant Reformation*. In.: CLOAKLEY, Sarah. *Religion and Body*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo, Atica, 1992.

VERGARA, Elias. *Cantares: literatura pornográfica dos pastores e pastoras de outrora*. In: CALVANI, Carlos Eduardo (org). *Bíblia e Sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010

VIEGAS, Alessandra Serra. *A Importância do Corpo na Sociedade Grega: na vida e na morte*. Revista Eletrônica Da Antiguidade, Rio de Janeiro, n. II, 2012.

VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, Volumes I, II, III.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. *Ao encontro da sombra, o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 2014.